



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PPLP)**

**O INFOGRÁFICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO:
Possibilidades para uma leitura crítica e um pensar criativo**

JOSÉ TEIXEIRA NETO

ITABAIANA (SE)
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PPLP)**

**O INFOGRÁFICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO:
Possibilidades para uma leitura crítica e um pensar criativo**

JOSÉ TEIXEIRA NETO

Dissertação apresentada ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PPLP) – UNIDADE DE ITABAIANA** - da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito final para obtenção do Grau de Mestre Profissional em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira

ITABAIANA - SE
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL
EM REDE (PPLP)**

JOSÉ TEIXEIRA NETO

**O INFOGRÁFICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO:
Possibilidades para uma leitura crítica e um pensar criativo**

APROVADA EM: ____-____-____

Dissertação apresentada ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PPLP) – UNIDADE DE ITABAIANA** - da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e aprovada pela banca examinadora.

Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira
(Presidente)

Profª. Dra. Elza Ferreira Santos
(Membro externo)

Profª. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano
(Membro interno)

ITABAIANA - SE
2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pelo dom da vida, por me agraciar com a oportunidade de ingressar neste curso e por me dar forças e inspiração para chegar até aqui.

À minha esposa, Rosemeire, pela compreensão nos momentos de estudo e pesquisa e pela dedicação a mim.

Aos meus filhos Breno, Gabriel e Janara, pela admiração e carinho que têm para comigo.

A uma grande amiga, Imperatriz, pelas ajudas nos momentos difíceis.

Aos meus pais (in memoriam), por terem me dado a oportunidade de hoje estar aqui.

Aos meus avós (in memoriam), por terem me criado e me educado como se seu filho fosse.

A minha tia Raimunda, pelo carinho e preocupação para comigo.

Aos meus professores do Mestrado, pelo desprendimento e dedicação para com toda a turma.

Ao meu orientador, Derli Machado, pela orientação e acompanhamento na realização deste trabalho.

Ao Coordenador do Curso, Carlos Magno, pela leveza como conduziu os trabalhos e pela atenção para com todos os mestrandos.

À Silvane, pela cessão das revistas para a execução deste projeto.

À secretária, Mônica, pela atenção dispensada a cada um dos cursistas.

A Sandra Virgínia, pela parceria e companheirismo durante o curso.

A todos os colegas da turma, pelo espírito de união e colaboração uns para com os outros.

À CAPES, pelo apoio a este projeto.

Aos meus alunos pela contribuição para com esta pesquisa.

"Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor. Mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas graças a Deus não somos o que éramos".

(LUTHER KING, Martir)

RESUMO

O infográfico é um gênero multimodal ainda pouco estudado no ambiente escolar. Além disso, há poucas pesquisas sobre o gênero como um recurso didático para as aulas de Língua Portuguesa no sentido de estudá-lo como uma representação das práticas sociais da linguagem. Dessa forma, esta pesquisa tem como foco o processo de letramento a partir do texto multimodal ou multissemiótico, especificamente o infográfico. Para isso, serão desenvolvidas atividades de leitura, análise, interpretação e produção do infográfico com alunos da segunda fase do Ensino Fundamental, especificamente os do 9º ano, observando as condições de produção de tal gênero textual. Visando atender ao proposto nos objetivos deste estudo, partimos da concepção de língua como uma atividade social (BAKHTIN, 1992), e dos textos multimodais como as “mais distintas formas de construção linguística e de apresentação da informação/mensagem (DIONÍSIO, 2005), procuraremos verificar a contribuição do infográfico no processo de letramento, entendido nesta pesquisa como o “processo de apropriação da cultura escrita fazendo uso real da leitura e da escrita como práticas sociais (SOARES, 2004). Partindo desse pressuposto, será aplicada uma sequência didática, nos moldes sugeridos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (apud Marcuschi, 2008), que propõem um trabalho com o gênero textual. No caso, desta pesquisa, optamos pelo infográfico por ser um gênero multimodal com grande teor informativo, aliando de forma harmoniosa o texto à imagem.

Palavras-chave: Multimodalidade. Infográfico. Letramento. Ensino de língua.

ABSTRACT

The infographics is a multimodal gender that has been little studied in the school environment. Besides this, there are a few researches about the gender as a didactic means for Portuguese Language classes with the meaning to study it as a representation of social language practices. Like that, the research is focused on the process of literacy from the multimodal text or multisemiotics, specifically the infographics. For that, it will be developed reading activities, analysis, interpretation and production of the infographics with the students from 6th grade to 8th grade, who study in Junior High School, mainly including students of the 9th grade, noticing the conditions of production of such textual gender. With the aim to answer what was proposed in the objectives of this study, we start from the conception of language as a social activity (BAKHTIN,1992), and of the multimodal texts as the most distinct forms of the linguistic construction and of the presentation of the information/message (DIONÍSIO, 2005), we will search to examine the contribution of the infographics in the process of the literacy, understood in this research as the process of acquisition of the written culture, using the real reading of the writing as social practices (SOARES, 2004). From this purpose, it will be applied a didactic sequence, in the suggested pattern by Dolz, Noverraz and Schneuwly (apud Marcuschi, 2008), that proposes a work with a textual gender. In this research, we choose the infographics for being a multimodal with a great deal of information, uniting in a harmonious way the text to the image.

Keywords: Multimodality. Infographics. Literacy. Teaching of the Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cães samoiedos -----	18
Figura 2 – Sandálias-----	19
Figura 3 – c. 6200 - Representação de uma cidade da Babilônia -----	21
Figura 4 – 1964 – Descrição das 12 referências de longitude de Toledo a Roma -----	21
1801- O primeiro mapa da Inglaterra e do País de Gales desenvolveu um padrão para a cartografia geológica -----	22
Figura 6 – 1857 – representa melhoria das condições sanitárias do exército. Florence Nightingale -----	22
Figura 7 – 1999 – Understanding USA, um compêndio visual de dados -----	23
Figura 8 – Infográfico 1-----	33
Figura 9 – Infográfico 2-----	35
Figura 10 – Infográfico 3 -----	36
Figura 11 – Infográfico -----	40
Figura 12 – Infográfico 5 -----	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Metafunções -----	30
Quadro 2 – Caracterização das metafunções -----	31
Quadro 3 – Representações metafuncionais -----	31
Quadro 4 – Metafunções /subdivisões -----	37
Quadro 5 – Elementos da metafunção composicional -----	41
Quadro 6 – Valor de informação -----	42
Quadro 7 – Sequência didática -----	49
Quadro 8 – Questionário 1 -----	50
Quadro 9 – Questionário 2 -----	51
Quadro 10 – Descritores do SAEB -----	58
Quadro 11 – Proposta de atividades -----	62
Quadro 12 – Plano de aula 1 -----	64
Quadro 13 – Plano de aula 2 -----	66
Quadro 14 – Plano de aula 3 -----	69
Quadro 15 – Plano de aula 4 -----	70
Quadro 16 – Plano de aula 5 -----	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas ao questionário 1 -----	76
Gráfico 2 – Realização da primeira produção do infográfico -----	77
Gráfico 3 – Questão 1- Plano de aula 2 -----	78
Gráfico 4 – Questão 3 – Plano de aula 2 -----	80
Gráfico 5 – Questão 1 - Plano de aula 3 -----	82
Gráfico 6 – Questão 5 - Plano de aula 3 -----	84
Gráfico 7 – Saliência - Plano de aula 4 -----	86
Gráfico 8 – Estruturação - Plano de aula 4 -----	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ESTADO DA ARTE	15
1.1 Multimodalidade	17
1.2 Infográfico: Breve histórico	20
1.3 O gênero textual: pressupostos teóricos	24
1.4 Infográfico: caracterização de um gênero	27
1.5 Infográficos: possibilidades de análise	30
1.5.1 Metafunção representacional	31
1.5.2 Metafunção interativa	37
1.5.3 Metafunção composicional	41
CAPÍTULO 2 – O INFOGRÁFICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO	45
2.1 Sequência didática: uma proposta de ensino	49
2.1.1 Apresentação da situação	49
2.1.2 Produção inicial	51
2.1.3 Os módulos	51
2.1.4 Produção final	53
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	54
3.1 A Pesquisa-ação	54
3.2 O método qualitativo	55
3.3 Sujeitos da pesquisa	56
CAPÍTULO 4 – UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO A PARTIR DO GÊNERO INFOGRÁFICO	57
4.1 Letramento visual	59
4.2 Delineamento da proposta	62
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A	97
APÊNDICE B	98
APÊNDICE C	99
APÊNDICE D	100

INTRODUÇÃO

Proporcionalmente ao avanço tecnológico foi a presença dos textos multimodais na mídia digital, nos livros didáticos, nas revistas, etc., o que contribui também para mudanças no tocante à utilização da linguagem nesses eventos comunicativos. Atualmente, as informações são muitas e precisamos ser dinâmicos no processo de leitura, para que possamos dar conta da quantidade de informações encontradas nos textos.

Atualmente, deparamo-nos com informações postadas nos mais variados meios de comunicação. Na maioria das vezes, produzidos não só por palavras, mas por meio de imagens e textos juntos, de modo a veicular a informação de forma mais atraente e sedutora. Em meio a essa realidade, o fazer pedagógico precisa buscar diferentes caminhos para transformar as práticas docentes, levando em consideração o indivíduo, que interage nesse cenário imagético-verbal.

Nesse sentido, parece haver um desencontro entre a escola e as práticas sociais de uso da linguagem. Nas aulas de Língua Portuguesa, há poucas atividades de leitura e de escrita de modo que os alunos se apropriem da estrutura composicional dos textos e da sua função social. Aos alunos são propostos exercícios que se limitam ainda, na maioria das vezes, à formalidade da língua, ou seja, a questões relacionadas com a metalinguagem. Aqui, o aluno aprende resolver questões gramaticais, no entanto, não é capaz de fazer uso do que aprendeu na prática.

Por outro lado, os alunos têm acesso à informação através da internet, das redes sociais, twitter, blogs, etc. Isso acaba fazendo com que eles percam o interesse pelas atividades escolares e se tornem cada vez mais avessos à leitura.

Dessa forma, procuraremos neste estudo verificar se o texto multimodal, especificamente, o infográfico, pode contribuir para tornar o aluno capaz de ler e escrever dentro e fora da escola, ou melhor, prepará-lo para o exercício das suas atividades linguísticas para interagir nas diversas situações comunicativas.

Visando atingir os objetivos desta pesquisa, partiremos da concepção de língua como atividade social (BAKHTIN, 2003); dos textos multimodais como as “mais distintas formas de constituição linguística e de apresentação da informação/mensagem” (DIONÍSIO, 2005, p. 138) e de Letramento como “processo de apropriação da cultura escrita fazendo uso real da leitura e da escrita como práticas sociais” (SOARES, 2009, p. 57). Embasaremos ainda o

presente trabalho na Teoria da Semiótica Social de Kress e Van Leeuwen (2006), o que nos permite uma análise textual a partir dos aspectos verbal e visual.

Assim, buscando alcançar resultados esperados, recorreremos à pesquisa-ação que, segundo Thiollent (2005),

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Com esta pesquisa, procuraremos levantar discussões com o objetivo de melhorar a competência leitora dos alunos da segunda fase do Ensino Fundamental, a partir de uma abordagem sobre: 1) Infografia e Letramento – conceitos; 2) Recursos constitutivos do infográfico; 3) Leitura e produção de infográficos; e 4) Proposição de Sequência Didática, envolvendo a infografia.

Para tanto, proporemos atividades em sala de aula a partir da utilização de textos infografados, que aparecem na revista *Superinteressante*, com o objetivo de que os alunos os leiam, interpretem-nos, compreendam sua estrutura composicional, bem como sua função social. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende contribuir no sentido de explorar a semiose presente no texto multimodal, especificamente, o infográfico, na sala de aula, com alunos 9º ano, da E. M. E. F. Álvaro Alves de Matos, localizada no Povoado Jabiberi, município de Tobias Barreto-SE.

Assim sendo, proporemos um ensino de língua que valorize as diferentes situações comunicativas e faça o aluno compreender que cada texto desempenha uma função social, observando o contexto de sua produção. Isso implica rejeitar um ensino de língua que prime por conceituar e classificar palavras, além de apresentar regras de uso da língua a partir de frases soltas e descontextualizadas.

Não negamos a importância da morfologia e suas relações semânticas e sintáticas no processo de construção do texto, porém é necessário observar que enfatizar apenas os elementos verbais reduz a multiplicidade de sentidos de determinado enunciado. O trabalho com a metalinguagem deve fazer parte do processo de compreensão do texto, e não como um fim em si mesmo. Assim, acreditamos que integrar imagem e texto e relacioná-los ao contexto evidenciado pelos aspectos visuais é uma das possibilidades que facultam a percepção do todo do enunciado e suscita a busca dos possíveis sentidos de um texto.

Acreditamos que, vivendo numa sociedade letrada, faz-se necessário que o aluno conheça e domine os recursos linguísticos a fim de compreender os gêneros textuais que circulam no meio social em que se vive. Portanto, optamos por trabalhar com o infográfico por acreditar que podemos dar uma contribuição no sentido de trazer para o interior da escola a leitura de gêneros textuais que fazem parte do nosso dia-a-dia.

CAPÍTULO 1 – ESTADO DA ARTE

A presença das imagens nas páginas de jornais, revistas, livros em geral e na mídia digital tem despertado o interesse de vários pesquisadores que se dedicam aos estudos linguísticos. Atualmente, há muitas pesquisas que exploram as diversas semioses que se utilizam no processo de construção e significação dos textos. Essa realidade surge da necessidade de se buscar alternativas no tocante à leitura e à produção de gêneros que associam o verbal ao visual, formando um todo significativo.

Segundo Furst (2010, p.13) “hoje, o homem recebe, a todo instante, informações dos mais variados meios de comunicação, na grande maioria das vezes não mais produzidas por palavras, mas por imagens atraentes e sedutoras”. Diante dessa realidade, a escola precisa refletir sobre sua prática pedagógica no sentido de buscar caminhos para um ensino que oportunize ao aluno a interação crítica e conscientemente diante desse mundo de letras e imagens.

Nesse sentido, Furst (2010, p.15) desenvolve uma pesquisa cujo objetivo é “analisar que tipo de leitura de infográficos é realizada por alunos do Ensino Médio e Ensino Superior levando em conta seu conhecimento de mundo, suas crenças, suas experiências e suas ideologias”. Trata-se, assim, de um trabalho voltado também para uma reflexão sobre o nível de letramento em que se encontram os alunos dos níveis de ensino Médio e Superior.

Seguindo a mesma temática e fundamentada na teoria dos gêneros, ancorada na perspectiva bakhtiniana e nas noções de letramento, Barreto (2013, p. 12) realiza uma pesquisa que visa à descrição de atividade de produção de infográficos desenvolvida em sala de aula numa turma de curso técnico para Internet.

Como se pode perceber, o gênero infográfico, por estar presente em grande parte das esferas de comunicação social, atraindo o leitor pela sua estrutura composicional imagético-verbal e facilitando a assimilação da mensagem, tem sido alvo dos pesquisadores que procuram caminhos para um ensino de língua portuguesa mais dinâmico e eficaz. Além disso, os alunos, ao se depararem com gêneros que explorem o aspecto visual, tendem a soltar a imaginação e descobrir as diversas possibilidades de utilização da linguagem no meio social em que esses alunos estejam inseridos.

Perceber a utilização da língua como uma ferramenta que possui variadas, heterogêneas e múltiplas maneiras de realização leva o indivíduo à competência leitora, no sentido de se tornar um leitor capaz de realizar leitura de diversos gêneros com propriedade e consciência crítica, além de

selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender essa necessidade (BRASIL, 2001, p. 54).

Segundo Leffa (1996, p. 10), “embora a leitura, na acepção mais comum do termo, processa-se através da língua, também é possível a leitura de sinais não linguísticos”. Pode-se, pois, proporcionar aos alunos momentos de leitura e produção do infográfico no ambiente escolar a partir de uma metodologia que explore a infografia levando em consideração a palavra e a imagem na construção do sentido.

Visando a um estudo do infográfico na mídia impressa, Paiva (2009, p. 5) realiza um trabalho com o propósito de verificar as regularidades e tipificações do infográfico da revista *Superinteressante* para conceituá-lo como um gênero do discurso e não como um *design* gráfico para auxiliar outros gêneros, além de verificar quais procedimentos o leitor utiliza na leitura e como esses procedimentos influenciam na compreensão das informações veiculadas por esse gênero multimodal. Segundo o autor (2013, p. 16), o aluno será um competente leitor, se ele “souber processar informação no modo visual [...] e souber relacioná-la a informações de outro modo semiótico, também necessário no impresso.”

Embora o infográfico seja estudado no meio acadêmico como um gênero textual passível de análise tanto do ponto de vista funcional, como linguístico, ainda existem poucos trabalhos realizados em sala de aula, sobretudo no Ensino Fundamental. Ainda assim, no Portal do Professor, site desenvolvido pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura, já se encontra um ou outro trabalho com o gênero, podendo ser citado o da Professora Cristiane Horta, que desenvolveu uma aula em que os alunos desenvolvam a capacidade de inferir a partir das redes de sentido presentes no infográfico. Tal atividade ocorreu na Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG, em Belo Horizonte-MG.

Na mesma linha, a professora Paula Baracat elabora uma oficina que tem como objeto de estudo na sala de aula o infográfico, levando os alunos a estabelecerem relações entre imagem, símbolo e palavra. A oficina tem como público-alvo estudantes da primeira e segunda fase do Ensino Fundamental e como objetivos a leitura e interpretação do infográfico, levando aos alunos as características de textos científicos a partir da infografia.

Dessa forma, torna-se necessário que a escola se torne o local do saber e que possa visualizar as diversas manifestações da linguagem presentes nesse novo cenário linguístico-comunicativo que se nos apresenta nessa era da comunicação visual. Pensar um ensino de língua que não desenvolva habilidades de leitura e produção dos vários gêneros que surgem

constantemente é tirar do sujeito a oportunidade de comunicar-se com segurança e ativamente no meio do qual faz parte.

Estamos cientes de que não existe um método pronto para o ensino da leitura e da escrita. Mas cabe ao professor proporcionar momentos de leitura e produção textual a partir de uma variedade de textos que façam parte do universo e do interesse do aluno e representem as práticas sociais da língua no contexto em que está inserida a escola.

1.1 Multimodalidade

Por muito tempo, mensagens têm sido apresentadas apenas por meio de palavras, ou seja, o modo verbal prevaleceu. Entretanto, nos últimos anos, com o advento da era digital, os textos passaram a ser cada vez mais permeados pelas imagens, o que causou grande impacto no processo de leitura. Além de ler palavras, frases, períodos, o leitor deveria se atentar para imagens que, aliadas ao código verbal, contribuíam para o processo de compreensão da mensagem. Em muitos discursos, inclusive na mídia impressa, a multimodalidade faculta a produtores e leitores de textos o potencial de significação dos meios semióticos.

Na era da multimodalidade os modos semióticos além da língua são vistos como completamente capazes para servir de representação e comunicação. Na verdade, a língua, seja falada ou escrita, pode agora com mais frequência ser vista como ‘apoio’ aos outros modos semióticos: ao visual, por exemplo. A língua pode agora ser ‘extravisual’ (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001, p. 46).

A quantidade de imagens que aparecem nas formas impressa e digital tem despertado nos estudiosos da linguagem um olhar mais atento no sentido de perceber essas imagens como um recurso para incrementar o processo de comunicação linguística. Segundo Almeida (2008, p. 9), essa densidade de imagens “tem fomentado a necessidade de uma re-teorização da linguagem”, tendo em vista a incorporação de outras formas semióticas no processo de construção do texto.

A presença das imagens nos textos faz com que o leitor, além de se envolver mais com a leitura, entenda-a com mais facilidade, já que, segundo Fernandes e Almeida (2008, p. 11), “imagens produzem e reproduzem relações sociais, comunicam fatos [...] com uma força semelhante à de um texto formado por palavras”. Dessa forma, faz-se necessário compreender como o código visual e o verbal contribuem para a significação do texto.

Nesse caso, os textos multimodais nos conduzem para um novo olhar sobre o conceito de letramento. Isso porque a multimodalidade se vale de diferentes códigos sógnicos e abrange

os vários aspectos oriundos de um universo sociocultural, o que exige do leitor a capacidade de interagir em diferentes contextos através da leitura. Assim, é difícil uma leitura que privilegie apenas o código escrito, que é apenas um elemento representacional em meio a muitos outros. Além disso, no atual cenário social, só o uso da palavra não é suficiente para a construção dos sentidos.

Segundo Van Leeuwen (2004, p.10), “os gêneros escritos combinam a língua, a imagem e as características gráficas em um todo integrado”. Nesse sentido, pode-se entender a multimodalidade como a utilização de mais de um modo de representação gráfica ou imagética em determinado gênero textual, a partir de estratégias para a formatação do que vai ser publicizado na página, de modo que tais estratégias levem em consideração, além das circunstâncias socioculturais em que o texto seja escrito, os objetivos do autor.

Nesse sentido, é importante que compreendamos como se organiza a relação que se estabelece entre a imagem e a escrita, de modo a construir sentido no texto como um todo. Kress e van Leeuwen (2006, p. 183) sugerem a análise dos textos multimodais a partir do processo de sua composição. Esta, entendida como a relação entre os significados representativos e interativos das imagens por meio dos seguintes princípios: valor informativo, saliência e moldura.

Tais princípios orientam o leitor para um entendimento do texto com mais propriedade, já que a posição da imagem no texto conduz a um significado específico, muitas vezes relacionado com a cultura. Segundo Dionísio (2007, p. 180), os aspectos verbais e pictóricos se completam de tal modo que a ausência de um deles pode afetar a unidade global do texto. É preciso, portanto, que se proponham novos meios de leitura e de produção de sentido.

No caso de uma fotografia, que só apresenta a imagem, não há multimodalidade:

Figura 1 – **Cães samoiedos**



Fonte: <http://www.imagenswiki.com/caes/imagens-caes-samoiedo>

Já na propaganda abaixo, em que encontramos a imagem e o código verbal, percebemos o aspecto multimodal, cujo sentido depende da interação entre o visual e o escrito.

Figura 2 - Sandálias



Fonte: <http://www.nossascoisas.net/brindes-sandalias>

Tomando como exemplo uma página de jornal, percebemos que os aspectos verbais e visuais se relacionam e se completam de tal modo que formam uma unidade textual a ponto de a retirada de um fragilizar a significação do texto. Segundo Dionísio (2008, p. 132), “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada.” Isso porque vivemos em uma época em que o visual está ganhando um grande espaço na cultura letrada. Hoje, não raro, nos deparamos com texto marcado por diferentes meios semióticos e, quando partimos para a mídia digital, é que se percebe ainda mais a presença da multimodalidade.

Por outro lado, Dionísio (2007) menciona:

ao conceber os gêneros textuais como multimodais, não estou atrelando os aspectos visuais meramente a fotografias, telas de pintura, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também à própria disposição gráfica do texto no papel ou na tela de computador (DIONÍSIO, 2007, p. 192).

Além disso, a multimodalidade se utiliza de outros recursos gráficos: tamanho e cor da fonte, combinação de imagens e letras, números, linhas curvas e retas, balões, tabelas, etc. Nesse sentido, podemos afirmar que o texto multimodal se caracteriza como uma produção escrita, ilustrada por diferentes recursos semióticos. Dessa forma, a língua não deve ser

entendida como um sistema fechado em si mesmo, e sim como um sistema composto de um conjunto de outros modos de representação que contribuem para a composição e a veiculação da mensagem.

A palavra escrita é apenas uma parte na construção dessa mensagem. Segundo Descardecí (2002, p. 20), “na semiótica social, sinais são convenções sociais culturalmente dependentes, e constantemente criados e re-criados nas interações pessoais”. Nesse caso, a língua, oral ou escrita, não deve ser entendida como algo que não se relaciona com outros modos de representação que fazem parte da composição de um texto, o que justifica a multimodalidade presente em determinado gênero textual.

Ainda para a semiótica social, o texto escrito, por si só, já é multimodal, já que se compõe por mais de um modo de representação. Uma página, além da linguagem escrita, possui diferentes formas de representação, como a cor e o tamanho da fonte, a diagramação, que varia de texto para texto, entre outros elementos que interferem no sentido de cada texto. A opção pelo emprego de um ou de outro elemento na elaboração de um texto se deve às situações de circulação específica de cada texto escrito.

Além disso, o *layout*, segundo Aquino e Souza (2008, p. 35), “pode desempenhar papel relevante na constituição dos gêneros”, inclusive, na composição do infográfico, objeto de estudo desta pesquisa, o qual, pelo seu aspecto visual e pelos recursos gráficos que o compõem, torna-se um gênero atrativo e dotado de sentido.

Para Kress e van Leeuwen (apud Aquino e Souza, 2008, p. 36), “a multimodalidade acontece pela composição das relações e pela construção de sentido que os diversos códigos semióticos realizam entre si.” Estes, por sua vez, estão associados à realidade sociocultural do ambiente do qual faz parte e redefinidos conforme os grupos sociais onde significam, já que, segundo Halliday (1979, p. 21), “el código regula los estilos semánticos de la cultura.”¹

Dessa forma, deparar-se com a multimodalidade nos gêneros textuais é vivenciar reflexos sociais e culturais que são cada vez mais explorados tanto na mídia impressa quanto na digital, através de imagens e de outros recursos semióticos previamente programados.

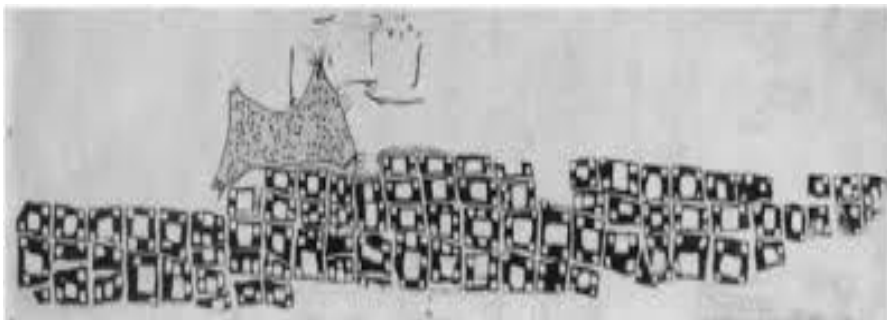
1.2. Infográfico: Breve histórico

Embora o termo infográfico não seja comum para uma grande parte da população, a infografia se faz presente entre nós há muito tempo. A presença da imagem como instrumento

¹ “o código regula los estilos semánticos da cultura”

norteador para o homem é bastante antiga. Diagramas geométricos, tabelas de posição das estrelas e mapas aparecem na história da humanidade há muitos anos antes de Cristo. Kanno (2008, p. 1) apresenta um mapa, que representa uma cidade da Babilônia encontrado na região de Kirkuk, Iraque, datado de 6200 a. C.

Figura 3 - c. 6200 - Representação de uma cidade da Babilônia

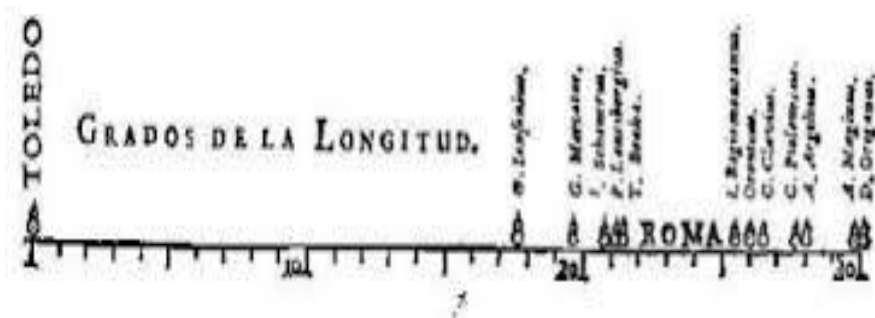


Fonte: <http://pt.slideshare.net/PatriciaPrado1/ai-gampi>

Segundo o autor (2008, p. 1), com a expansão marítima no século XVI, novas formas de apresentação visual foram desenvolvidas, dado o desenvolvimento de novas técnicas e novos instrumentos, nesse período.

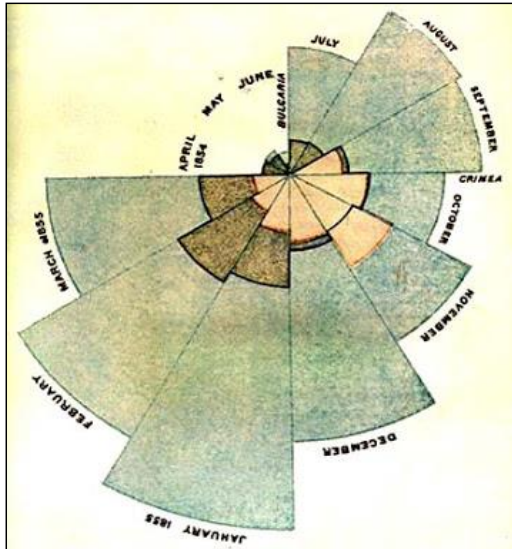
Seguem-se abaixo alguns infográficos obedecendo uma linha cronológica apresentada por Kanno (2008, p. 2-5) como uma forma de demonstrar que a infografia sempre esteve a serviço da informação e do conhecimento

Figura 4 - 1964 – Descrição das 12 referências de longitude de Toledo a Roma



Fonte: <https://culturadavisualizacao.files.wordpress.com/2014/02/langren.jpg>

Figura 5 - 1801- O primeiro mapa da Inglaterra e do País de Gales desenvolveu um padrão para a cartografia geológica.



Fonte: http://bp1.blogger.com/_aHjQxCXGPH4/RkWyDY-TAT1/AAAAAAAAAByE/avTpOE3UE/s200/piechart.jpg

Comentado [PT1]:

Comentado [PT2R1]:

Figura 6 - 1857 – representa melhoria das condições sanitárias do exército. Florence Nightingale.



Fonte: <http://climatologiageografica.com/wpcontent/uploads/2015/03/William-Smith-Map.jpg>

Figura 7 - 1999 – Understandig USA, um compêndio visual de dados



Fonte: http://www.visualogue.com/speakers/images/wurman_w1.gif

Comentado [t3]: Citar fonte

O termo infografia provém da palavra *infographics* (NEVES, 2013, p.12), que significa representação gráfica de informações através de recursos visuais como desenhos e tabelas acompanhadas de textos, além de variadas ilustrações. Segundo Kanno e Brandão (1998, p. 7), “é o recurso gráfico que se utiliza de elementos visuais para explicar algum assunto ao leitor”. Essa combinação de várias semioses formando um todo comunicativo torna a informação mais compreensível.

Na mídia impressa, o uso da infografia não é fato atual. Segundo Caixeta (2005), o primeiro infográfico nos meios de comunicação impressa foi publicado no diário inglês *The Dayli Courant*, em 1702. Já em revistas, o primeiro foi pela *The Times* em 1806. No Brasil, segundo Moraes (1998, p. 67), o termo infográfico aparece na década de 80, com as reformas gráficas de alguns dos jornais do país, como *O Estado de São Paulo* e *Zero Hora*. Sem esquecer a mídia digital, que se vale com grande densidade das várias semioses para publicização das diversas informações.

Segundo De Pablos (apud Neves, 2013, p.12), “a infografia é a apresentação do binômio imagem + texto, que através de qualquer suporte de comunicação transmite a informação de forma clara e objetiva”. Por possuir um aspecto dinâmico, o infográfico permite que comecemos sua leitura por qualquer ângulo, sem comprometer a compreensão da mensagem. Daí, uma leitura interessante e prazerosa. Nesse sentido, o seu surgimento trouxe para os leitores novas formas de leitura e de assimilação da informação.

Quanto à tipologia do infográfico, Peltzer (apud Neves, 2013, p. 26), apresenta três grupos:

Infografia representativa – apresenta conteúdo essencialmente descritivos, em que todos os elementos se assemelham à realidade;

Infografia explicativa – explicam fatos, acontecimentos, fenômenos ou processos complexos ou elaborados;

Reportagem infográfica – é um relato informativo do fato (PELTZER, *apud* Neves, 2013, p. 26).

Como se pode perceber, o infográfico se constitui como um texto de grande teor informativo, haja vista a sua organicidade tanto composicional, como do ponto de vista temático. Sua leitura promove, além de conhecimento de forma objetiva e dinâmica, certa interatividade pela sua combinação de cores e imagens.

1.3 O gênero textual: pressupostos teóricos

O ato de comunicar-se utilizando a linguagem é próprio da natureza humana. Nesse caso, para falar, compreender o outro ou fazer-se compreender, é necessário que o falante tenha o domínio da forma como se organizam os enunciados, bem como das situações de produção de cada um deles. Em resumo, que o falante conheça as diversas modalidades textuais. Assim, é preciso que o indivíduo tenha noção de que uma notícia serve para informar alguém sobre determinado acontecimento; um resumo, para compactar as ideias principais de uma obra; uma receita culinária, para orientar o fazimento de uma comida; um convite serve para convidar alguém para um evento; enfim, que cada situação na vida social exige uma forma específica de organização de enunciado, com características composicionais e estilísticas próprias sobre determinado tema.

A partir dessa heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2003, p. 263) divide-os em primários e secundários. Os primeiros se referem a situações comunicativas espontâneas e imediatas, como o diálogo, o bilhete, etc. Os segundos são gêneros mais bem elaborados, pensados, mediados pela escrita, mais complexos, geralmente organizados de modo mais sistematizado, como o romance, o ofício, crônicas, entre outros.

Bernard Schneuwly, um dos pesquisadores acerca do ensino da escrita a partir dos gêneros, ao questionar o significado do termo gênero, faz uma afirmação curiosa: “sem romance, por exemplo, não há leitura e escrita de romance” (DOLZ & SCHNEUWLY, 1994, p. 51). Estendendo a outras situações do dia-a-dia, como poderíamos nos comunicar se não houvesse essas modalidades textuais através das quais organizamos os enunciados conforme cada situação comunicativa?

Vivemos em uma sociedade que, a cada dia, vai se tornando centrada nas práticas de leitura e escrita. Lemos *e-mails*, conversas nas redes sociais, textos em *sites* de informação, diálogos no *WhatsApp*, etc. Enfim, estamos mais próximos dos textos escritos, de modo que hoje precisamos ler e escrever mais para corresponder a essa demanda. Trata-se de um processo ininterrupto de surgimento de vários gêneros para a apropriação do conhecimento e facilitação da informação a partir das práticas sociais em que cada gênero textual está inserido. Com isso, exige-se do leitor/escritor conhecimento dos recursos da linguagem, a fim de que este possa interagir linguisticamente e conscientemente nessa sociedade. Segundo os PCN (1998)

interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução (PCN, 1998, p. 20).

Dessa forma, a diversidade textual está presente nas várias situações de interação verbal, impondo, inclusive, que conheçamos suas condições de produção e de circulação. Assim, para bem compreendermos os textos, faz-se necessário que tenhamos habilidades para perceber: para quem se destina o texto, sobre o que ele fala, qual o seu objetivo, onde esse texto será colocado, etc. Por essa razão, os textos que circulam nas diversas práticas sociais de uso da linguagem devem ser lidos observando seus propósitos comunicativos. Segundo os PCN (2006, p. 60), “o texto verbal pode assumir diferentes feições, conforme a abordagem temática, a estrutura composicional, os traços estilísticos do autor - conjunto que constitui o conceito de gênero textual”.

Os gêneros textuais surgem da necessidade comunicativa entre os usuários de determinada língua. Razão por que se tornaram flexíveis, a fim de se adequarem a cada situação de comunicação linguística e aos propósitos comunicacionais, atendendo a uma estrutura composicional específica, a uma função social dentro de um contexto sócio histórico, além de um suporte que condiz com o processo da enunciação. Além disso, Marcuschi (2003, p. 19) afirma que os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.

O estudo dos gêneros é bastante antigo. Iniciou-se a partir do estudo dos gêneros literários. Segundo Marcuschi (2008, p.147), “inicia-se com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX”. Em *A poética*, Aristóteles já teorizava sobre

os gêneros retóricos, vistos por ele como “as formas de organização dos discursos para fins de convencimento das outras pessoas nas situações públicas comuns no mundo grego” (FILHO, 2011, p. 17).

Atualmente, a noção de gênero não se relaciona apenas com a literatura, ao fazer referência aos gêneros lírico, épico e dramático, mas a outros campos do conhecimento, como a linguística, por exemplo, de modo que tratar sobre gêneros é tratar do uso da língua em suas diversas situações de comunicação. Segundo Bazerman (2005, p. 31), os “gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.”

Com o avanço da tecnologia, que favoreceu o surgimento de vários equipamentos destinados à comunicação, como o computador, o tablete, o celular, o iphone, etc., é que segundo Marcuschi (2003, p. 19), “presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita”, o que caracteriza os gêneros como mecanismos de comunicação que são interligados à cultura da sociedade, ou fazem parte dela.

Como eventos textuais plásticos que são (MARCUSCHI, 2003, p.19), os gêneros textuais sofrem pequenas alterações na sua estrutura para se adequarem à época em que estão sendo utilizados, como é o caso, por exemplo, do e-mail, que se assemelha ao bilhete, entre outros casos, o que torna o estudo dos gêneros, segundo Marcuschi (2008, p. 151), “uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais”.

Adotamos nesta pesquisa o postulado interacionista de Bakhtin (2003, p. 262), que define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Entenda-se “relativamente” como flexibilidade do gênero textual para se adequar às novas estruturas composicionais que vão surgindo com a intensidade dos usos de todo aparato tecnológico do qual os usuários da língua se valem para se comunicar. Além disso, em se tratando de linguagem, modificações podem ocorrer em função do desenvolvimento social, da influência de outras culturas ou de outros tantos fatores com que a língua tem relação direta. Nesse sentido, Koch (2003) acrescenta que

os gêneros estão sujeitos a mudanças, decorrentes não só das transformações sociais, como oriundos de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, como também de modificações do lugar atribuído ao ouvinte (KOCH, 2003, p. 54).

A todo momento, estamos diante de situações que exigem determinadas formas de expressão oral ou escrita, cada uma suscitando uma habilidade linguística compatível com cada situação de uso. Para Bakhtin (2003, p. 263-265), o ser humano em quaisquer das suas atividades, vai servir-se da língua e, a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade comunicativa, os enunciados se realizarão de modo diverso.

Nesse sentido, podem-se entender os gêneros textuais como formas de enunciados que se adequam às necessidades comunicativas, orais ou escritas, concretas e únicas, “que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p.279), podendo sofrer mudanças relacionadas não só com as transformações sociais, como também com novas formas de organização da estrutura verbal e com modificações do lugar a que o indivíduo pertence. Segundo Koch (2003, p. 55), “a escolha do gênero se dá em função dos parâmetros da situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio-fim, que é a estrutura básica de uma atividade mediada.”

Acredita-se que o estudo dos gêneros pode trazer grandes contribuições para mudanças no ensino da língua portuguesa, no tocante às práticas de leitura e a produção de textos na escola. É a partir das situações comunicativas recorrentes na sociedade que os envolvidos com a formação dos alunos devem planejar suas atividades escolares, a fim de que os estudantes possam interagir com segurança e habilidade no uso das práticas sociais da linguagem. Por isso, é imprescindível compreender os gêneros como um ponto central do trabalho com a linguagem na escola sem se prender apenas à tipologia textual, que está presente nos vários gêneros textuais, constituindo-se em formas híbridas destinadas aos vários propósitos comunicativos relacionados com as práticas sócio comunicativas vigentes, como por exemplo, o gênero infográfico, o qual descreveremos a seguir.

1.4 Infográfico: caracterização de um gênero

Independentemente da tipologia do infográfico, este apresenta uma estrutura composicional assim definida: título, texto e fonte, o que o torna peculiar em suas características tanto do ponto de vista da sua estrutura, quanto da sua funcionalidade. Quanto ao suporte, “o infográfico é um texto muito utilizado pela mídia jornalística em publicações que o exploram para elaborar notícias, reportagens e divulgação da ciência e tecnologia” (PAIVA, 2011, p. 88). Sendo assim, encontramos-lo em revistas, jornais e em páginas da internet.

Embora em alguns jornais e revistas, o infográfico apareça para auxiliar no processo de compreensão do texto, possui “a função discursiva de outros gêneros textuais já existentes” (PAIVA, 2011, p. 92), porém com a flexibilidade ancorada na teoria bakhtiniana quanto à relatividade dos tipos de enunciados. Além disso, o que diferencia o infográfico de uma notícia é o fato de possuírem características distintas, a começar pelo *design* gráfico, a forma como a autoria se apresenta, a organização do texto, etc. Dessa forma, podemos afirmar que o infográfico é um gênero textual criado conforme cada campo do conhecimento humano para atender as necessidades comunicativas dos interlocutores:

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Por isso, podemos afirmar que os gêneros estão relacionados com as atividades sociais dos seres humanos, não só como enunciados mutáveis e dinâmicos, mas também como contraditórios e irregulares. Devitt (apud Filho, 2011, p. 20) “reconhece que, muitas vezes, há conflitos inconscientes entre a percepção do estudioso e a percepção dos usuários dos gêneros, e isso ocorre porque classificações diferem para diferentes propósitos”. Nesse sentido, podemos entender os gêneros como modos de organização da comunicação humana conforme as situações recorrentemente vivenciadas.

Sabemos que o avanço das novas tecnologias oportunizou a criação de outros gêneros a partir de várias semioses para tornar o *layout* da página mais dinâmico e mais atrativo. Marcuschi afirma que

os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias como o telefone, a televisão e a internet (2008, p. 27).

Criados sócio historicamente pelo homem e em situações reais de comunicação, podemos dizer que os gêneros levam mais em conta sua função social que sua forma. No tocante aos infográficos, estes são gêneros que apresentam *design* relativamente novos, comparados com os mais antigos, e têm a função de fornecer informações por si mesmos, desde a área das ciências até as orientações de cunho comportamental.

No infográfico, as informações se apresentam de forma não linear. Elas estão dispostas em pequenos blocos, mas com sentido completo e formando um todo significativo. Nesse

gênero, o leitor é quem estabelece relação entre um bloco e outro para poder ver sentido no que está lendo/visualizando. Embora tenha uma aparência fragmentada, o infográfico se constitui como um gênero, conforme afirma Sojo (2002):

O infográfico é um gênero por quatro razões fundamentais:

- 1) Tem uma estrutura claramente definida;
- 2) Tem uma finalidade;
- 3) Possui marcas formais;
- 4) Tem sentido por si mesmo (SOJO, 2002, p. 3).

De acordo com os três elementos apresentados por Bakhtin (2003, p. 261-262) para enquadrar os enunciados em determinados gêneros, o infográfico pode ser considerado um deles, já que possui um conteúdo temático apresentado a partir do estilo de quem o produziu, dentro de uma estrutura composicional que lhe é peculiar, além de estar em suportes de grande circulação, como revista, jornal, *internet*, por exemplo. Segundo Marcuschi (2008, p. 155),

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Conforme as observações anteriormente mencionadas a respeito do que leva um enunciado a se enquadrar em determinado gênero, podemos ver no infográfico um gênero multimodal, que possui uma forma de, linguisticamente e por meio de imagens, realizar objetivos específicos numa perspectiva social e culturalmente construídos. Segundo Filho (2011),

Entender que os gêneros possuem dinamismo é importante para se perceber que eles se incorporam às situações vividas pelos seres humanos, muitas vezes servindo como respostas às necessidades comunicativas das pessoas. Por isso é proveitoso pensar nos gêneros como ferramentas semióticas (dotadas de significados) que fazem parte das nossas vidas e, portanto, podem ser utilizados adaptativamente para várias finalidades (FILHO, 2011, p. 21).

Esse dinamismo de que os gêneros são investidos é que permite a possibilidade de (re) criação para atender às demandas comunicativas ao longo dos tempos. O infográfico, por exemplo, é um gênero que passou por significativas alterações quanto ao *design* gráfico sem

perder as suas características e funções. Basta observarmos os mais antigos para percebermos mudanças na sua organização composicional.

Assim, considerando que os gêneros estão relacionados com o uso da língua em todas as atividades humanas, faz-se necessário estudá-los não apenas para classificá-los ou identificar recursos gramaticais na sua composição, mas para que os usuários da língua compreendam sua função e possam comunicar-se a partir de enunciados devidamente construídos, observando, inclusive, as possibilidades através das quais podem ser analisados.

1.5 Infográficos: possibilidades de análise

Segundo Fernandes e Almeida (2008, p. 12), a gramática do *design* visual, de Kress e van Leeuwen (2006), faz uso de uma organização metafuncional para a construção dos significados, conforme a tabela abaixo:

Quadro 1 - Metafunções

Ideacional/Representacional	“obtida nas imagens através dos participantes representados, que podem ser pessoas objetos e lugares [...]”
Interpessoal/Interativo	“estabelece estratégias de aproximação ou afastamento dos produtos do texto em relação ao seu leitor [...]”
Textual/Composicional	organiza/combina os elementos visuais de uma imagem em uma composição que faça sentido.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Fernandes e Almeida (2008).

Considerando os infográficos como gêneros multimodais, que se nos apresentam com diferentes formas de diagramação, oriunda da diversidade com que os elementos constituintes do infográfico se organizam na sua composição e o forte poder de sedução em relação ao leitor, procuramos analisar esse gênero textual a partir das metafunções representacional, interativa e composicional, a fim de que os estudantes conheçam seu processo de construção para uma leitura mais eficiente e uma produção com mais propriedade.

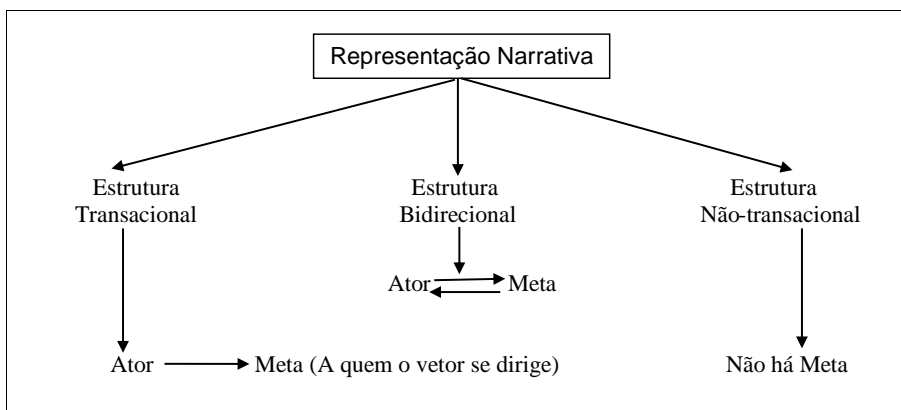
Neste trabalho, analisaremos 5 infográficos da revista *Superinteressante*, por ser esta revista bastante conhecida nacionalmente e pelo uso do gênero com temas interessantes e curiosos para o público leitor. Cada infográfico será analisado a partir de uma metafunção, a

fim de apresentar as possibilidades de leitura desse gênero, já que é uma das mais sofisticadas formas de explorar um tema.

1.5.1 Metafunção representacional

A função representacional se apresenta nas imagens a partir de elementos denominados de participantes representados que, segundo Fernandes e Almeida (2008, p. 13), “podem ser pessoas, objetos ou lugares”. Essa função é dividida em duas estruturas: narrativa e conceitual (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006):

Quadro 2 – Caracterização das metafunções



Fonte: Elaborado pelo autor

As representações narrativas se caracterizam pela sua relação entre o espaço e os elementos representados e por esses elementos estarem envolvidos em eventos e ações, identificadas por um vetor que indica o direcionamento dessas ações, tornando um participante ator ou meta. Esta, quando o participante é o alvo da ação, e aquele quando a pratica, conforme gráfico abaixo:

Quadro 2 – Representações metafuncionais

Estrutura	Características
Narrativa	Marcada pelos vetores, que indicam o engajamento dos participantes em eventos e

	ações.
Conceitual	Identificada pela descrição do participante em relação à classe, estrutura ou significado.

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do momento em que a ação de um participante passa a ser um olhar em direção a outro ou a algum objeto, essa ação torna-se um processo de **reação**, o que caracteriza o participante que olha como **reator**, e não como ator (FERNANDES e ALMEIDA, 2008). A reação pode ser classificada como **transacional** ou **não-transacional**. A primeira é percebida quando é possível identificarmos o ser para o qual o participante olha. Nesse caso, o alvo do olhar passa a ser o **fenômeno**, e não a meta. Na segunda, não há um direcionamento do olhar. Aqui, não se consegue perceber para quem ou para onde o participante olha.

Nessa perspectiva, o infográfico intitulado *Game of Thrones está de volta*, também da revista *Superinteressante*, embora faça parte da representação narrativa, não apresenta os participantes atores, uma vez que não estão engajados em nenhuma ação, mas sim, como **reatores**, evidenciando reações não-transacionais, já que não há o fenômeno, isto é, o alvo do olhar de cada um dos reatores, que o mantém perdido, condizendo com a realidade que se configura com a nova temporada da série.

Figura 8 – Infográfico 1

Fonte: OCHEN, Otávio.

Superinteressante, São Paulo, edição 335, p.74, abril/ 2015

Em relação à representação conceitual, Kress e van Leeuwen (2006) a demonstram em três processos: um classificacional, em que os participantes “se apresentam em um grupo, definidos por características comuns a todos os sujeitos classificados”; um processo analítico, em que “os participantes se relacionam não através de ações que executam, mas através de



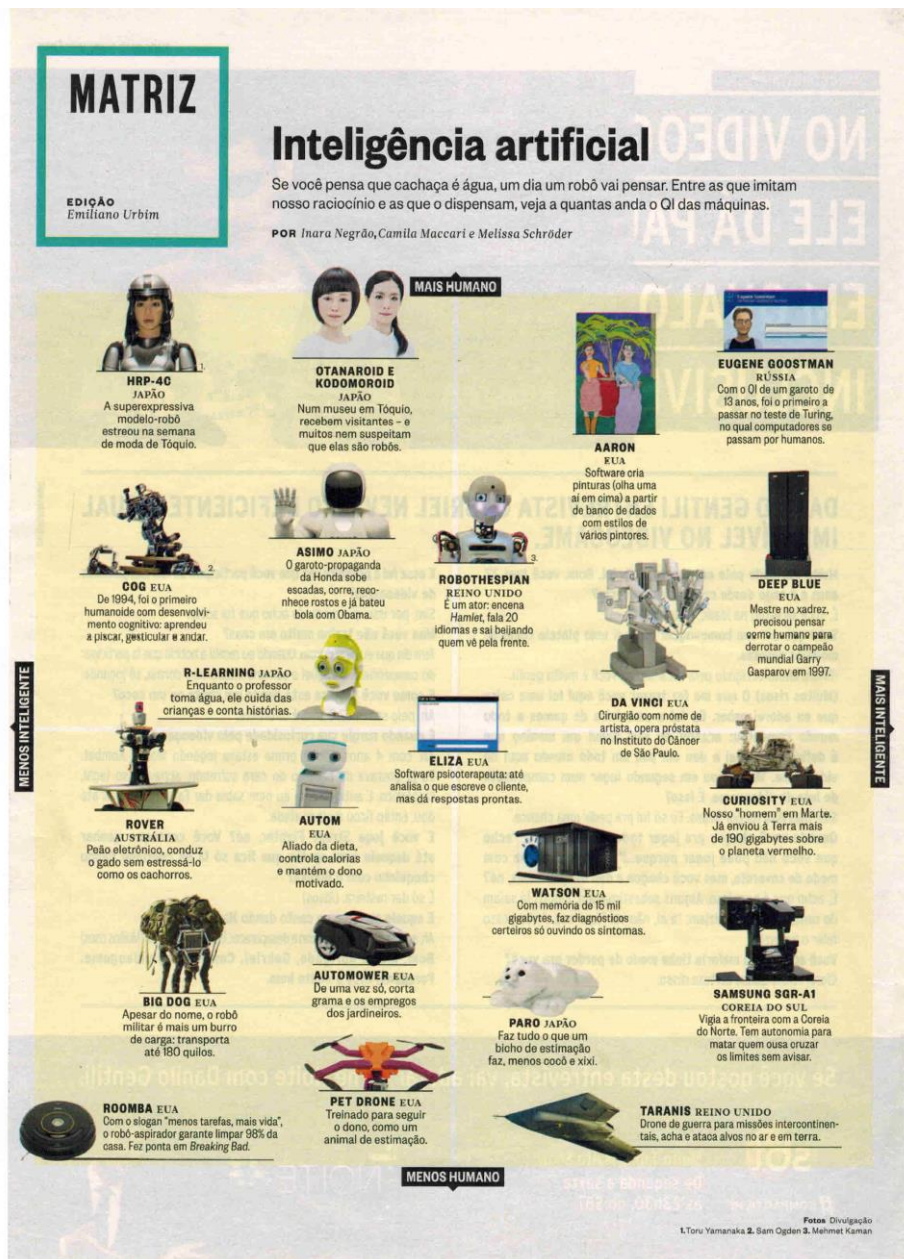
uma estrutura que relaciona a parte e o todo” (FERNANDES e ALMEIDA, 2008, p. 16), ou

seja, a imagem pode apresentar a descrição de elementos menores, mas que compõem um outro maior. Nesse processo, existem dois participantes: um portador, que representa o todo; e atributos possessivos, que são as partes; além de um processo simbólico.

No caso dos processos simbólicos, o participante significa ou é, ou seja, uma imagem sugere algo, que nem sempre significa literalmente o participante, razão por que é simbólico. Aqui, a identidade do participante é estabelecida por atributos que, segundo Fernandes e Almeida (2008, p. 17), “chamam a atenção através do tamanho, da escolha de cores, do posicionamento, do uso da iluminação, entre outros”. É com base na combinação desses recursos gráficos que podemos perceber a significação do texto infografado.

Estruturado a partir da representação conceitual classificacional, proposta por Kress e van Leeuwen (2006), o infográfico intitulado *Inteligência artificial* descreve um grupo de participantes que apresentam características comuns, embora de diversos formatos, mas que fazem parte de uma mesma categoria, porém mais abrangente: o robô. Nesse infográfico, o autor descreve os robôs, desde aqueles mais humanos até os menos humanos; os menos inteligentes aos mais inteligentes, evidenciando, dessa forma, mais de um processo de análise, o que segundo Kress e van Leeuwen (2006), isso é totalmente possível. É o caso, por exemplo, de verificarmos os seguintes elementos da metafunção composicional: o Ideal (parte superior), para os robôs mais humanos; o Real (parte inferior), os menos humanos; o Dado (à esquerda), para as informações conhecidas pelo leitor e o Novo (à direita), para as menos conhecidas e que suscitam uma reflexão por parte do leitor.

Figura 9 – Infográfico 2



Fonte: NEGRÃO, Inara; MACCARI, Camila; SCHRODER, Melissa. *Superinteressante*, São Paulo, edição 336, p.24, agosto/ 2014.

O infográfico *Monogamia não faz sentido?* está organizado a partir do processo analítico estruturado, já que se apresentam o todo (o portador), representado pelo corpo do homem completo, e suas partes: crânio, rins, ouvido, etc. formando os atributos possessivos, já que segundo Fernandes e Almeida (2008, p.17) “as estruturas conceituais analíticas se caracterizam por relacionarem o todo com o portador e as partes com os atributos possessivos.”

Figura 10 – Infográfico 3



Fonte: HUECK, Karin; QUICK, Rafael. *Superinteressante*, São Paulo, edição 332, p.23, maio/ 2014.

1.5.2 Metafunção interativa

Quadro 3 - Metafunções/subdivisões

METAFUNÇÃO INTERATIVA Relacionada com o distanciamento ou aproximação entre o produtor e o leitor			
CONTATO	DISTÂNCIA SOCIAL	PERSPECTIVA (ANGLO)	MODALIDADE
> Demanda	> Perto	> Frontal	> Cor
> Oferta	> Longe	> Oblíquo	> Contexto
	* Plano fechado	> Vertical	> Iluminação
	* Plano médio		> Brilho
	* Plano aberto		

Fonte: Elaborado pelo autor

É a partir dessa metafunção que Kress e van Leeuwen (2006) propõem como se realiza a interação entre os participantes representados (pessoas, lugares, objetos – no interior da imagem) e os interativos (produtor e observador – fora da imagem) em determinado gênero que se utilize da imagem no seu processo de composição. Dessa forma, em textos imagéticos, o produtor e o observador são os que vão dialogar com a imagem, observando o modo como ela está posta na página, e pessoas, lugares ou objetos serão os elementos a serem apreciados pelo leitor.

Assim sendo, os participantes interativos dialogam com os representados, procurando compreender os sentidos possíveis a partir do contexto de situação em que a imagem foi constituída. Esse diálogo se dá através do afastamento ou aproximação dos participantes representados no interior da imagem. Portanto, ancorado nas concepções de Kress e van Leeuwen (2006) e de Fernandes e Almeida (2008), descreveremos os recursos que servem de base para a análise de imagens, no caso deste trabalho, do gênero infográfico.

a) Contato - É a forma como se estabelece a relação entre os participantes (representados e interativos). Esse contato se dá por meio de um vetor que indica a direção do olhar do participante representado para o observador (participante interativo). Quando o primeiro olha diretamente para o leitor, diz-se que houve a **demand**a por parte do produtor, que procura estabelecer um grau de aproximação com o observador, convidando-o a interagir um com o outro. Quando o participante representado não olha para o observador, aquele passa

ser alvo de análise e contemplação, caracterizando, dessa forma, um contato de **oferta**, isto é, não é criada uma relação de interação entre produtor e observador.

b) Distância social - Nessa dimensão, a interação entre os participantes (representados e interativos) ocorre através de planos que, segundo Fernandes e Almeida (2008), assim os classificam:

Kress e van Leeuwen utilizam planos idênticos aos do cinema para a formatação de sua linguagem, mas três desses enquadramentos sintetizam bem essa relação: **plano fechado** (*close-up*), **plano médio** (*médium shot*) e **plano aberto** (*long shot*). O primeiro inclui a cabeça e os ombros do participante; o segundo, sua imagem até o joelho; e o terceiro corresponde a uma representação ainda mais ampla, incluindo, por exemplo, todo o corpo do participante (FERNANDES;ALMEIDA, 2008, p. 19-20).

Esses planos determinam o grau de aproximação entre os participantes. No plano fechado, a imagem fica mais próxima do observador, possibilitando que este identifique traços pessoais da pessoa que aparece na imagem; no plano médio, a distância aumenta a ponto de o grau de intimidade entre os participantes representados e o observador diminuir, ficando numa posição intermediária. Já no plano aberto, a imagem traduz certa impessoalidade já que os participantes se distanciam ao máximo.

c) Perspectiva - Essa categoria da metafunção interativa identifica os papéis sociais exercidos pelos participantes no processo de interação visual por meio do ângulo através do qual a imagem é projetada. São três os ângulos que orientam a leitura e a análise das imagens: frontal, oblíquo e vertical. O primeiro, segundo Almeida (2008, p. 9), “tem sido associado ao estabelecimento de uma atitude de envolvimento entre o leitor e o participante representado na imagem”, uma vez que essa imagem se apresenta no mesmo nível do olhar do participante interativo; o segundo mostra o participante representado de perfil, o que evidencia certa desconexão, isto é, deixa implícito que o que vemos não faz parte da nossa realidade; e o terceiro apresenta as relações de poder passíveis de acontecer na elaboração da imagem. Conforme Almeida (2008):

Quando um participante é retratado por meio de um *ângulo alto*, que o capta de *cima para baixo* dizemos que o vemos pela perspectiva do poder do observador da imagem. Quando, contudo, a imagem do participante representado é capturada de *baixo para cima*, em *ângulo baixo*, dizemos que o participante na imagem é quem detém o poder em relação ao seu observador. Finalmente, se a imagem se posiciona em *nível ocular* em relação ao seu leitor/observador, dizemos se tratar de uma relação de poder igualitária, na qual cada parte envolvida possui um nível de poder equivalente (ALMEIDA, 2008, p. 9).

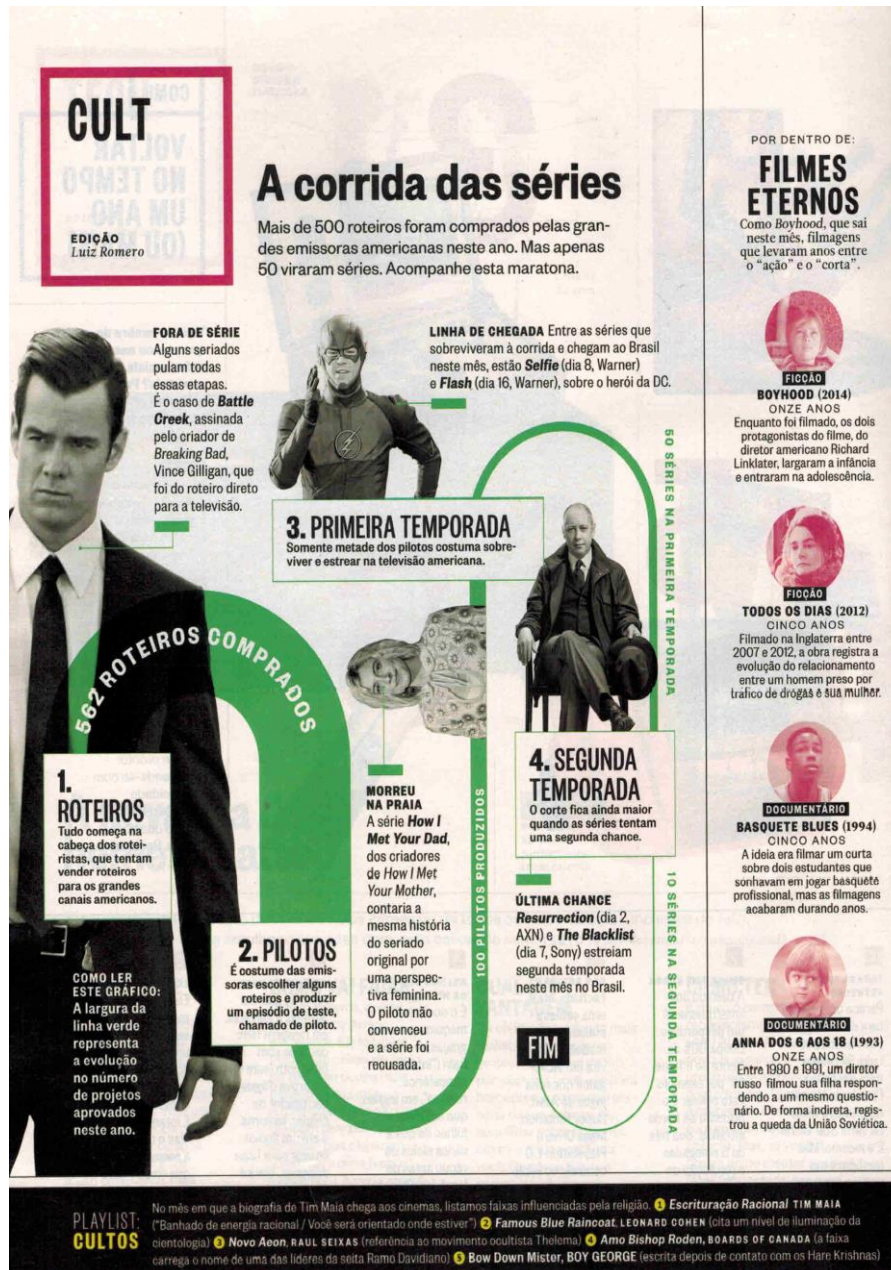
d) Modalidade - Essa última categoria da metafunção interativa explora os recursos semióticos (cor, brilho, iluminação e contextualização) na expressão da verdade ou realidade como forma de interação entre os participantes representados e os interativos. A modalidade pode tornar os participantes reais ou irreais para os participantes interativos conforme a utilização dos recursos e como estes se organizam. Segundo Fernandes e Almeida (2008, p. 22), “imagens podem representar o mundo como se fosse real, de modo natural (*realis*) ou como imaginário (*irrealis*).

Observemos o infográfico *A corrida das séries*, que descreve em uma escala decrescente a trajetória de roteiros de filmes a serem comprados pelas emissoras de TV.

Em relação às imagens que compõem o infográfico, podemos notar que elas mantêm formas diferentes de interação entre participantes representados e interativos. O olhar do homem da imagem que aparece no lado esquerdo do texto infografado caracteriza-se como a oferta, uma vez que não se identifica o alvo desse olhar, o que evidencia certo distanciamento, impedindo qualquer tipo de relação entre o observador e o participante da imagem. É como se os infografistas quisessem mostrar certa esnobação por ele ser um dos que mais tiveram roteiros aprovados.

Já as imagens menores apresentam participantes numa posição de humildade e simpatia para com o observador. No tocante ao contato, as imagens que ocupam o centro do infográfico representam a demanda, tendo em vista o fato de o olhar estar direcionado para o observador/participante interativo, o que mostra humildade e simpatia de um para com o outro. Já a imagem que está localizada ligeiramente à direita apresenta-se numa perspectiva mais distante, porém com o olhar voltado para o observador, o que mostra interesse pela interação entre os participantes.

Figura 11 – Infográfico 4



Fonte: ROMERO, Luiz. *Superinteressante*, São Paulo, edição 338, p.78, outubro/ 2014.

1.5.3 Metafunção composicional

Um dos infográficos aqui analisados, por exemplo, extraído da revista *Superinteressante*, intitulado *Como entender (o mínimo) de vinho*, ocupa a página inteira e aborda um assunto conhecido de alguns apreciadores de vinho. Ele traz informações a respeito do consumo da bebida e dos pratos que combinam com ela, além de informações que se referem às gírias empregadas pelos usuários experientes e o modo de servir, até aplicativos em celulares que indicam a qualidade do produto. Essas informações aparecem organizadas obedecendo a uma estrutura que apresenta um título, um subtítulo, a fonte, a autoria e os blocos de textos que compõem o corpo do infográfico.

Fernandes e Almeida (2008, p. 23) apresentam três sistemas inter-relacionados dos elementos de uma composição, a saber: Valor da informação, Saliência e Estruturação, conforme tabela abaixo:

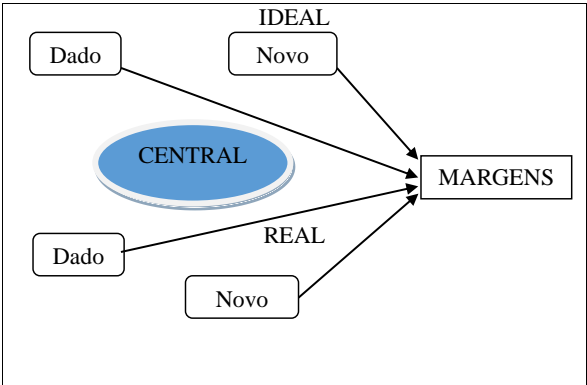
Quadro 4 - Elementos da metafunção composicional

METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL Relaciona e organiza as diversas semioses para dar sentido ao texto/gênero multimodal.	
Valor de informação	Relaciona-se com a posição que os elementos ocupam no texto.
Saliência	Indicada pelo destaque que a imagem adquire na composição do gênero.
Estruturação	Marcada por elementos que estabelecem conexão entre outros elementos da imagem.

Fonte: Elaborado pelo autor

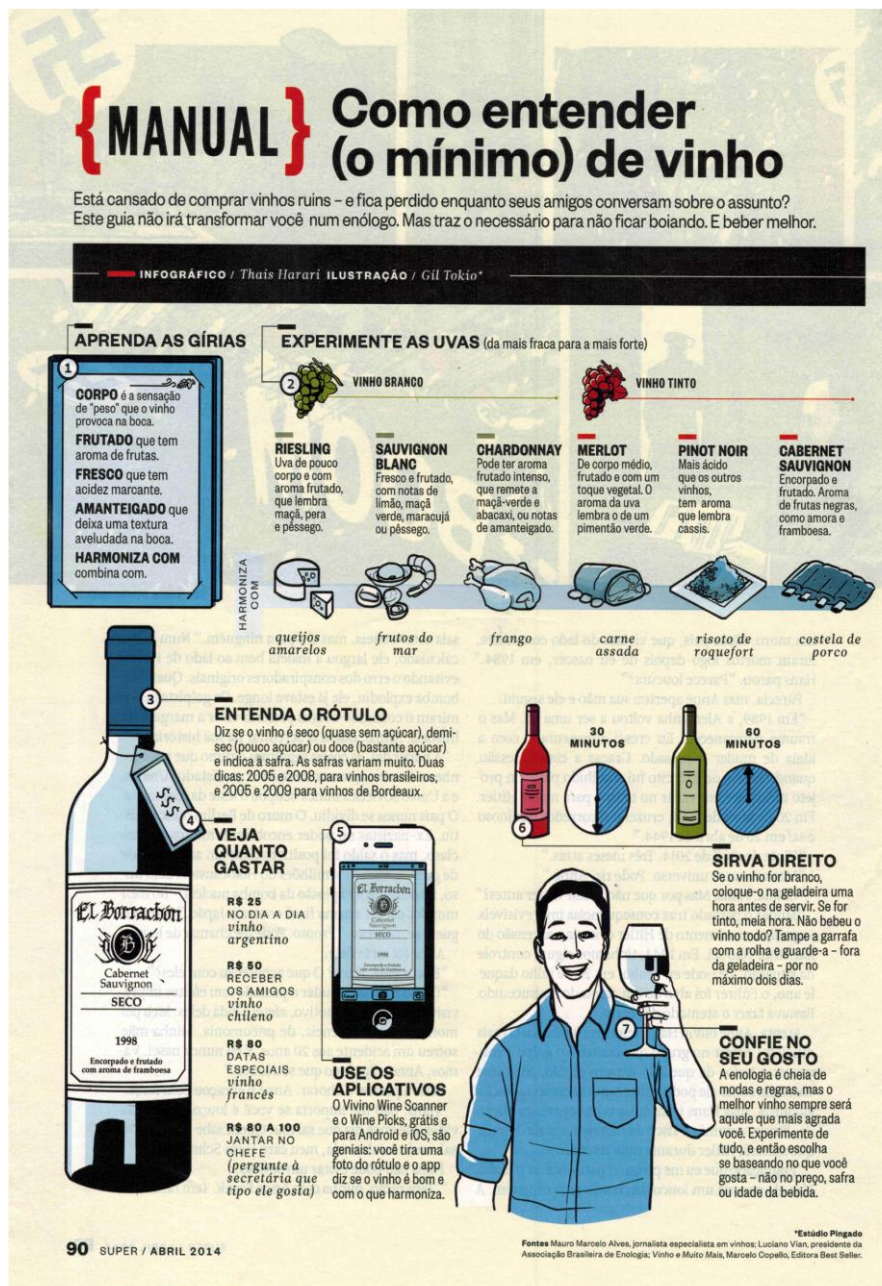
No caso do infográfico em análise, é importante que sejam observados os elementos e como se integram para a construção do sentido, observando a posição que ocupam na página:

Quadro 6 – Valor de informação



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 12 – Infográfico 5



Fonte: HARARI, Thais. **Superinteressante**, São Paulo, n. 11, edição 331, p.90, abril/ 2014.

Segundo Fernandes e Almeida (2008, p. 23-24), os elementos posicionados no lado esquerdo são chamados de Dado, informações conhecidas pelo leitor; os posicionados à direita, apresentam-se como o Novo, informação nova ou algum dado ao qual se deva prestar atenção de forma especial.

No caso do infográfico *Como entender (o mínimo) de vinho*, verificou-se que não há essa divisão Dado/Novo na sua composição. O Novo está para a caixa de texto no canto superior esquerdo, a qual apresenta as gírias empregadas pelos usuários do vinho, além da garrafa logo abaixo, indicando a variedade das safras.

Quanto às posições superior e inferior, temos o Ideal e o Real, respectivamente. O primeiro se opõe ao segundo por apresentar a informação concreta, prática, mais verdadeira (FERNANDES e ALMEIDA, 2008, p. 24). Assim, podemos perceber no infográfico, na parte superior o Ideal, onde está a essência da informação, representada pelo Título. Já o Real, por sua vez, está na parte inferior, onde aparece a imagem do homem segurando o copo e sorrindo como uma forma de mostrar o resultado dos objetivos pretendidos no início, ou seja, o homem conhecedor do uso do vinho.

No tocante à Saliência, que “se refere à ênfase maior ou menor que certos elementos recebem em relação a outros na imagem” (FERNANDES e ALMEIDA, 2008, p. 24), notam-se três elementos que se destacam no infográfico: O litro do vinho, que toma maior espaço na folha e tem a função de chamar a atenção do leitor para a marca e a qualidade; o *iphone*, com um aplicativo que identifica a qualidade da bebida através da foto, o que atrai o leitor e o apreciador do vinho pela facilidade das informações sobre a bebida; e imagem do homem com o copo na mão e sorridente, demonstrando satisfação e segurança em relação ao consumo do produto. Isso tudo articulado de modo a despertar o interesse do leitor no sentido de ocupar um status de quem conhece bem o assunto.

Já a estruturação está representada pelos elementos que se interligam por meio de linhas divisórias, formando um todo significativo. Os produtos que compõem o infográfico contribuem para situar o leitor nas diversas possibilidades de usufruir o vinho de acordo com cada alimento. Isso se percebe pela posição em que se encontram o bloco de texto e o produto ao qual o texto faz referência. Cada bloco de texto, ainda que isolado um do outro, permite a manutenção do tema que norteia o infográfico como um todo.

CAÍTULO 2 – O INFOGRÁFICO NO PROCESSO DE LETRAMETO

Sabe-se que as inovações tecnológicas, os textos veiculados na mídia digital e na imprensa e, em especial, a inserção de imagens em todas as formas de representação da realidade social têm influenciado e suscitado novos modos de leitura e escrita, imprimindo, cada vez mais, novos desafios às teorias de letramento e à escola.

Dessa forma, neste estudo, duas razões nos levaram a realizar um trabalho com o infográfico: a primeira, de ordem pessoal, por acreditar na leitura como uma forma de assimilação das estruturas enunciativas para a compreensão e produção de textos; e segunda, de ordem prática, por ser o infográfico um gênero pouco lido no ambiente escolar, e menos ainda produzido por alunos do Ensino Fundamental.

A partir dos novos olhares direcionados ao ensino de língua nos últimos anos, não faz mais sentido considerá-la como um sistema de leis combinatórias e fechadas, mas como um instrumento dinâmico de interação, através do qual podemos realizar ações e atuar sobre outro interlocutor. Por isso, é necessário entender que o processo de comunicação se inova a cada dia, que a palavra acompanha a realidade sociocultural de cada período, unindo-se, inclusive, à imagem e à cor e acompanhando a evolução de um mundo em constantes transformações.

Vivemos em uma sociedade em que, a cada dia, a cultura escrita, aliada à imagem, ganha espaço nos diversos meios de comunicação. Com a evolução das novas tecnologias e o surgimento das várias redes sociais, *facebook*, *twitter*, *badoo*, *whatsapp*, entre outras, o homem necessita ler e escrever mais para interagir com seus semelhantes de igual para igual. Não há mais espaço para visões isoladas, que veem o texto composto somente pelo código verbal.

Hoje, a maioria das pessoas possui um celular, que disponibiliza várias opções de comunicação além da voz, inclusive, a oportunidade de utilizar imagens para incrementar a mensagem, deixando-a mais completa. A leitura do infográfico, por exemplo, pode ser iniciada pelo trecho que nos chama mais a atenção, inclusive, pelo código não-verbal, para, no decorrer dessa leitura, partir para o verbal, o que contribui para a compreensão do infográfico como um todo.

Nas últimas décadas, por conta de todo o aparato tecnológico, há uma necessidade de se refletir sobre os modos como a linguagem veicula as informações e as possibilidades de se ensinar a Língua Portuguesa de forma a desenvolver no aluno habilidades comunicativas a partir das práticas sociais nesse cenário linguístico. Conforme Dionísio (2005),

na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bom como ser capaz de produzir mensagens incorporando múltiplas fontes de linguagem (DIONÍSIO, 2005, p. 131).

Dessa forma, é importante que se proponha um ensino que procure aliar o letramento visual de Kress e van Leeuwen (1996) ao gênero textual, já que se pode analisar tanto a linguagem escrita, quanto imagens, tabelas, diagramas, etc., na construção do sentido. Acreditamos, pois, que é imprescindível que o aluno conheça os sistemas linguísticos e suas possibilidades de combinação, a fim de compreender os diversos textos que circulam no meio social em que vive, levando em consideração o conhecimento de mundo adquirido a partir das leituras que fez e das experiências vivenciadas. Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006),

a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida (...). Reitera-se que essa postura é condição para confrontar o aluno com práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido (BRASIL, 2006, p. 29).

Neste trabalho, pretendemos verificar como o infográfico pode contribuir para o processo de letramento dos alunos. Considerando que esse gênero se constitui a partir de uma perfeita harmonia entre o verbal e o não-verbal, ou seja, palavras e imagens, para a significação do todo na veiculação da informação, acreditamos que o ato de ler não deve se focar apenas na escrita. Da mesma forma que nenhum sinal gráfico ou visual devem ser lidos isoladamente, uma vez que esses elementos se completam na significação do texto como um todo.

Além disso, o infográfico permite melhor aproveitamento do espaço da página, uma vez que ele é capaz de condensar e simplificar a informação por meio de uma linguagem verbal mais objetiva e uma linguagem visual mais atraente, o que o torna mais acessível ao público-alvo independentemente das camadas sociais a que pertence.

Como se trata de um gênero que se utiliza de várias semioses, o infográfico facilita a compreensão do assunto, bem como torna a sua leitura mais leve e mais atrativa por “apresentar uma informação, aliando de maneira harmoniosa a palavra à imagem” (FURST, 2010, p. 20). Porém, lidar com essa realidade e essa gama de informações com a qual nos deparamos em diferentes mídias requer: do indivíduo, habilidades de utilização da linguagem

em suas práticas sociais e um olhar crítico diante desse cenário visual; da escola, ajustes nas estratégias de ensino no sentido de promover o letramento dos alunos em uma época em que as imagens se tornam cada vez mais presentes, produzem sentidos e transmitem ideologias.

Para atender a demanda sociais desse ‘mundo visual’, a sociedade precisa de cidadãos críticos, que além de observarem as realidades sociais, saibam também analisá-las criticamente, bem como sejam capazes de organizar ações para intervir nessa realidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 1)

Para o cidadão chegar ao ponto proposto pelo autor, é preciso que esse cidadão adquira uma formação que o torne um ser ativo e que seja capaz de antes de ler a palavra, leia o mundo, conforme Freire (1999, p. 11), ao afirmar que “a leitura do mundo precede à leitura da palavra”. Nesse caso, é imperativo que a escola redimensione o ensino da língua portuguesa, no sentido de promover um ensino que privilegie as práticas sociais da linguagem, atentando para o contexto que a circunda, ou seja, as práticas do letramento.

Assim como aprendemos a ler e produzir textos verbais, precisamos da mesma forma aprender a ler e construir textos não-verbais, a partir de algumas regras e estruturas formais. Ao elaborar um texto, selecionamos as melhores estruturas e palavras e organizamos as ideias de modo a transmitir uma mensagem a alguém; e o mesmo acontece no processo de construção de um texto não-verbal. Nesse sentido, devemos estar cientes de que cada elemento que constitui uma imagem possui um significado em si, e que, juntos, produzem o sentido que se pretende transmitir. É preciso, pois, entender que cores, linhas e imagens não estão em um texto por acaso.

O infográfico é um gênero textual muito empregado na mídia impressa, por se constituir de informações complementares e sucintas que atraem o leitor por seu aspecto visual. Isso contribui para que o aluno se sinta motivado a lê-lo. O colorido das letras, os textos curtos e objetivos, a alternância no tamanho da fonte, tudo isso faz do infográfico um gênero multimodal atraente para o leitor em geral, especialmente por se tratar de um gênero que consegue em poucos blocos de texto transmitir informações de grande relevância e que contribuem para a formação intelectual do leitor.

Sabemos que estamos vivendo em uma era em que a velocidade faz parte do cotidiano das pessoas. Isso faz com que elas ocupem menos tempo com a leitura, sobretudo, textos longos. Os alunos, por sua vez, se comunicam, nas redes sociais, principalmente, com frases curtas, palavras abreviadas, imagens/ícones. Isso para ganhar tempo e passar a informação precisa e rapidamente. Nesse sentido, é necessário um novo olhar para o ensino da língua no ambiente escolar.

Segundo Bakhtin (2003, p. 221), “o trabalho com gêneros é interessante na medida em que eles são instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa”. No caso do infográfico, podemos dizer que ele faz parte desse contexto, uma vez que é produzido para atingir propósitos comunicativos e traz uma gama de informações ideologicamente elaboradas. Dessa forma, é no trabalho com os mais variados gêneros textuais que os aprendizes tomarão consciência da multiplicidade de usos da língua (BAGNO, 2011, p. 32).

Além disso, por ser um gênero por seu aspecto visual, o infográfico passa a informação de modo mais direto, uma vez que “a maior força da linguagem visual está em seu caráter imediato, em sua evidência espontânea” (DONDIS, 2000, p. 134). Com o infográfico, é possível obtermos a informação por completo sem a necessidade de recorrermos a outro texto para complementar o sentido da mensagem.

Diante desse quadro, faz-se necessário repensarmos o ensino da Língua Portuguesa na escola. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (*apud* Duarte, 2008, p.14), “cada gênero de texto necessita um ensino adaptado, pois apresenta características distintas”. Além disso,

já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam (ROJO, 2010).

Segundo Bakhtin (2003, p. 285), “quanto melhor dominarmos os gêneros tanto mais livremente os empregamos”. Desse modo, a escola precisa desenvolver atividades que ponham os alunos em contato com os diversos gêneros, a fim de que se desenvolvam as práticas sociais de utilização da linguagem. Os PCNs (BRASIL, 1998, p. 20), apontam a interação pela linguagem enfocando os elementos que fazem parte do discurso: os interlocutores, uma forma, um contexto, um estilo, etc. Segundo Jewitt e Kress (*apud* Costa et al, 2008),

o letramento multimodal, ou multissemiótico, é o letramento que leva em consideração a gama de informação que as pessoas usam para aprender, se comunicar e moldar o conhecimento em contextos sociais (JEWITT; KRESS, *apud* Costa et al, 2008).

Assim, a escola precisa desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas das utilizadas até o momento no intuito de lidar com os diferentes gêneros textuais e proporcionar aos alunos a oportunidade de compreensão do sentido do texto multimodal, no caso deste estudo, o infográfico. Além disso, atividades com esse gênero textual podem conduzir os

alunos para outras fontes de leitura, como, por exemplo, os jornais e as revistas, onde o texto infografado está presente.

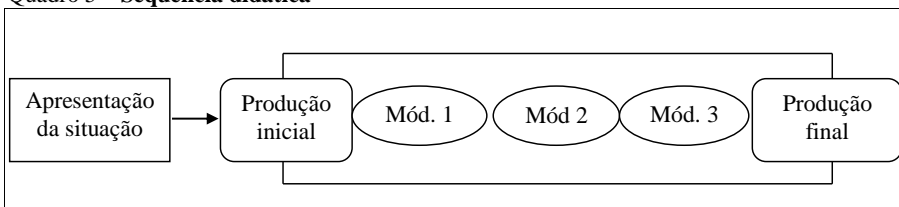
2.1 Sequência didática: uma proposta de ensino

A presente pesquisa pretende desenvolver uma sequência didática utilizando o gênero infográfico como uma ferramenta que contribui para o processo de letramento dos alunos.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.97), uma sequência didática é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Assim sendo, serão desenvolvidas atividades de modo a levar os alunos a realizarem cada uma delas conforme o solicitado em cada etapa do processo.

Marcuschi (2008, p. 214), assevera que “a finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero.” Nesse sentido, procurando atingir os objetivos propostos neste estudo, seguiremos o esquema apresentado pelo autor (2008, p. 214), para a aplicação da sequência didática a ser desenvolvida na sala de aula onde será realizada esta pesquisa.

Quadro 5 – Sequência didática



Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

2.1.1 Apresentação da situação

Nessa primeira etapa, os alunos terão contato com seis gêneros textuais distintos, entre os quais o infográfico, objeto de estudo desta pesquisa, todos identificados como Texto 1, Texto 2, e assim por diante. A partir desse momento, será aberto um diálogo com a turma com base no questionário abaixo, com o objetivo de fazer com que os alunos percebam as diferentes formas de composição dos textos, bem como a função social de cada um.

Quadro 6 - Questionário 1

QUESTÕES	RESPOSTAS
1. Esses textos estão escritos de forma igual?	() sim () não
2. Dentre os textos apresentados, há alguns que apresentam estrutura composicional (formato do texto) semelhante?	() sim () não
3. Aponte os textos que apresentam estrutura composicional semelhante.	_____ _____ _____
4. Quais textos apresentam uma estrutura diferente em relação aos que estamos estudando nesta aula?	_____ _____ _____
5. O que esses textos trazem de diferente dos demais?	_____ _____ _____
6. Onde esses textos (no caso, o infográfico) podem aparecer?	_____ _____
7. Considerando que os textos se organizam de forma diferente, você acha que eles têm diferentes funções?	() sim () não
8. Vocês poderiam dizer para que serve de cada um desses textos?	

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a análise e discussão do questionário, os alunos terão contato com o infográfico. Serão apresentados vários deles para que os estudantes percebam o que há de comum entre os infográficos com os quais estão trabalhando. Aqui, serão mostrados os elementos que os constituem, sua estrutura e conceitos, pautados na linha teórica que norteia este trabalho, de modo que o aluno possa construir seu próprio conceito de infográfico.

Ainda nessa fase de apresentação, será solicitado aos alunos que pesquisem outros infográficos que aparecem em jornais, revistas e livro didáticos, a fim de que haja uma familiarização dos estudantes com o gênero em questão.

2.1.2 Produção inicial

Nessa etapa, Marcuschi (2008) sugere que os alunos realizem a primeira produção. Para isso, serão utilizadas folhas de papel A4, lápis grafite e de cor para incrementar o gênero, no caso deste estudo, do infográfico. Esse é um momento importante da sequência didática, uma vez que é aqui que verificaremos o estado inicial dos alunos a partir do que foi discutido na apresentação da situação. É uma fase na qual se inicia o processo de assimilação do gênero, promovendo o letramento verbal e visual. Além disso, conforme o autor (2008, p. 215), “essa primeira produção pode ser feita em esboço geral e apenas treinando o gênero sem uma destinação específica”, podendo ser aprimorada no decorrer das atividades. É também nesse momento da sequência didática que proporemos o tema a ser desenvolvido nos módulos seguintes.

2.1.3 Os módulos

Em cada módulo, o aluno vai aprimorando o gênero trabalhado. Para isso, serão realizadas atividades de leitura, escrita e reescritura do gênero infográfico de modo que os alunos percebam suas falhas no processo de construção do gênero, observando a estrutura composicional, e as evitem em cada fase da produção. No primeiro, será apresentado um questionário sobre o gênero estudado, para que o aluno comece a conhecer sua estrutura e função social. Primeiramente, esse questionário será respondido oralmente para que o aluno se familiarize com o gênero; depois, será respondido por escrito a fim de fixar os conhecimentos.

Quadro 7 - Questionário 2

Perguntas relativas aos infográficos a serem trabalhados na sala de aula acerca da metafunção composicional	
1. Valor de informação	<ul style="list-style-type: none"> - Título? - De que trata o infográfico? - Qual a informação nova para você? - Há alguma informação que você já sabia? Qual?

2. Saliência	- Qual parte do infográfico lhe chamou mais a atenção? - Qual o recurso utilizado pelo autor para tornar esse trecho mais chamativo?
3. Estruturação	- Há quantos blocos de texto no infográfico? - Esses blocos de texto fazem referência a alguma imagem? Exemplifique. - Apesar de estarem separados, eles falam do mesmo tema?
4. Autoria	- Quem produziu o infográfico?
5. Suporte	- Onde encontramos esse gênero de texto com mais frequência?
6. Fonte	- Qual a fonte do infográfico lido?

Fonte: Elaborado pelo autor

Marcuschi (2008, p.215) propõe quatro critérios a serem observados no acompanhamento dos módulos:

- Como foi a representação da comunicação?
- Como foi a elaboração dos conteúdos?
- Como foi o planejamento do texto?
- Como foi a realização do texto?

Com base nessas orientações, analisaremos a produção do infográfico pelos alunos, a fim de aprimorar o processo de elaboração do gênero. Para isso, durante a execução dos módulos, serão feitas comparações das primeiras produções com as mais recentes, o que nos evidencia o nível do texto em cada etapa, ou seja, se o aluno está evoluindo de acordo com as instruções recebidas. Dessa forma, em cada módulo trabalhado, avaliaremos ainda o nível de leitura e de compreensão dos infográficos, o que apontará caminhos para aperfeiçoar a produção escrita.

2.1.4 Produção final

Etapa que, conforme Marcuschi (2008, p. 216), “é reservada para a produção final do gênero.” Aqui, os alunos já adquiriram o conhecimento teórico e prático sobre o gênero infográfico e vão criá-lo na sua versão final. Nessa fase da sequência didática, após a comparação dos textos produzidos em cada módulo, o pesquisador chegará ao processo de avaliação no sentido de perceber se o infográfico produzido pelos alunos atingiu os objetivos previstos nesta pesquisa. É o momento de observar o nível de letramento dos alunos diante das suas atitudes frente à leitura e as práticas sociais da linguagem.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia adotada nesta pesquisa. Em 3.1, procuramos enquadrar este trabalho na proposta da pesquisa-ação; no tópico 3.2, descreveremos o método escolhido para execução deste estudo; em 3.3, apresentamos o sujeito da pesquisa.

3.1 . Pesquisa-ação

Há muito que se vem discutindo acerca do ensino da língua portuguesa nas escolas. Muito se tem questionado sobre o desempenho linguístico dos alunos em atividades que exigem deles habilidades comunicativas que deveriam possuir e não as possuem. Alunos e professores vivem um drama em sala de aula. De um lado, o professor, que pede uma atividade de leitura e produção de texto e o aluno não corresponde; de outro, o aluno, que não dispõe de habilidades para atender ao solicitado pelo professor. Essa realidade tem sido alvo de várias pesquisas, a exemplo de **A LEITURA DE INFOGRÁFICOS DA REVISTA SUPERINTERESSANTE**: procedimentos de leitura e compreensão, de Francis Arthuso Paiva; **Processo e Produção do infográfico em sala de aula**, de Diego de Magalhães Barreto; **Infográficos**: Habilidade na leitura do gênero por alunos do ensino médio e ensino superior, de Mariana Samos Bicalho Furst. Todas buscando se não solucionar tal problema, pelo menos minimizá-lo.

Este trabalho, como os demais, sem ter a pretensão de apresentar soluções ou receitas prontas, caracteriza-se como uma pesquisa-ação, com o objetivo de sugerir uma proposta de ensino pautada na língua em seus aspectos discursivo e dialógico. Esse tipo de pesquisa, segundo Thiollent (1986, p. 7), se associa a diversas formas de ação coletiva, orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação. No caso desta, optamos pela segunda opção.

Nesse sentido, buscando alcançar resultados esperados no tocante a uma mudança no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, recorreremos à pesquisa-ação, que segundo Thiollent (1986), caracteriza-se como um tipo de pesquisa que tem base empírica e de caráter social.

Nesse caso, o presente trabalho pretende desenvolver uma ação que consiste no envolvimento entre alunos e o professor pesquisador, que, numa atividade de cooperação, desenvolverá uma estratégia de ensino que tem como *corpus* linguístico o infográfico, um

gênero multimodal presente na revista *Superinteressante*, nacionalmente reconhecida tanto pelos temas que aborda, quanto pelo uso da infografia, além da sua circulação no mercado ultrapassar os dez anos, o que garante credibilidade diante de qualquer estudo. Assim sendo, esta pesquisa pretende a partir de novas práticas, no tocante ao ensino da língua portuguesa, desenvolver habilidades que ajudarão na vivência das práticas sociais da linguagem, podendo estimular ainda a criatividade dos alunos.

Embora haja limitações no envolvimento dos participantes: classes grandes, ausência da participação dos pais de alunos e a falta de interesse do próprio estudante, procuraremos, imbuídos de uma postura ética, avaliar os resultados a partir das mudanças observadas no comportamento dos alunos diante das atividades de leitura e produção do infográfico no decorrer dessas atividades.

Como se trata de uma pesquisa de cunho social, a pesquisa-ação visa a uma “investigação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática.” (TRIPP, 2005, p. 5).

3.2 O método qualitativo

Diferentemente do método quantitativo, que se vale de dados estatísticos no processo de análise dos dados, o qualitativo “não pretende numerar ou medir unidade ou categorias homogêneas” (RICHARDSON, 1985, p. 38), mas traduzir e expressar o sentido dos fenômenos da sociedade sem impedir que o pesquisador se valha do empirismo científico.

Partindo do problema que motivou a proposta de intervenção desta pesquisa, recorreremos ao método qualitativo com o intuito de verificar a eficácia dos resultados esperados a partir das atividades que serão desenvolvidas no ensino da Língua Portuguesa no que concerne ao desenvolvimento das práticas do letramento com a leitura e produção do infográfico na sala de aula.

Segundo Richardson (1985, p. 39), “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.” Nesse sentido, procura-se com este trabalho melhorar o desempenho linguístico dos alunos a partir da análise da situação real em que se encontram os alunos para, com base nos resultados, apresentarmos uma estratégia de ensino que promova o letramento desses alunos no tocante aos usos da língua.

Para isso, pretendemos elaborar uma sequência didática, tendo como objeto de estudo o gênero infográfico, que permite uma leitura diferente da tradicional, de modo que o leiamos

da esquerda para a direita e vice-versa, bem como de cima para baixo e vice-versa. Assim, uma leitura não linear, mas dinâmica e completa.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Álvaro Alves de Matos, localizada no Povoado Jabiberi, município de Tobias Barreto – SE. A escola possui 05 turmas na segunda fase do Ensino Fundamental: 02 de 6º ano, um 7º ano, um 8º e um 9º ano. Serão participantes os alunos do 9º ano, por ser o professor dessa série.

Embora a escola esteja localizada na zona rural, os alunos têm acesso à internet e à mídia impressa, mais precisamente revistas, já que desenvolvemos projetos de leitura utilizando esse meio de comunicação. Dessa vez, será trabalhado o gênero infográfico a partir da análise proposta pela gramática do *design* visual.

CAPÍTULO 4 – UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO A PARTIR DO GÊNERO INFOGRÁFICO

Pensar o ensino de Língua Portuguesa hoje é refletir sobre o fato de que o aluno já chega à escola com grande habilidade de uso dessa língua. O aluno consegue se expressar cotidianamente no meio social em que vive sem precisar que ninguém o oriente na elaboração dos enunciados. Ele simplesmente os diz. Nenhuma pessoa constrói um enunciado dessa forma: “caderno um eu comprar vou”. Portanto, concordamos com Marcuschi (2008, p. 57-58), ao afirmar que “não se pode evitar de considerar o funcionamento da língua em textos realizados em gêneros”.

Segundo o mesmo autor (2008, p. 57), “o falante de uma língua dever fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua”. Isso implica pensar um ensino de língua que favoreça o contato do aluno com as práticas recorrentes de uso dessa língua, sobretudo com texto que se utilizam dos códigos verbal e não-verbal, a fim de que o estudante compreenda o processo de comunicação e passe a interagir de forma consciente nas diversas situações comunicativas.

Isso nos leva a pensar que a ênfase numa proposta de mudança na atuação docente no tocante ao ensino da Língua Portuguesa deve basear-se na noção de língua como uma atividade sociointerativa situada, levando em consideração os aspectos históricos e discursivos e como um sistema de práticas cognitivas abertos flexíveis (MARCUSCHI, 2008, p. 59). Dessa forma, um trabalho com gêneros pode derivar para um ensino que contemple diferentes atividades com o próprio gênero, privilegiando o que os alunos têm a dizer e como fazê-lo, e não apenas conhecer termos e suas funções nos textos.

Desse modo, um evento de letramento é muito importante para percebermos que este se constitui a partir de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita nas diversas atividades humanas, ou seja, conhecer uma diversidade de gêneros textuais amplia o universo linguístico e dá ao usuário da língua condições de interagir crítica e conscientemente.

Sem a pretensão de apresentar receitas prontas de como ensinar Português a partir da utilização de gêneros textuais, baseamo-nos em oito dos vinte descritores, criados pelo SAEB – Sistema Brasileiro de Avaliação da Educação Básica, por considerarmos como habilidades necessárias para a leitura, interpretação e produção do infográfico, objeto de pesquisa deste estudo.

Quadro 8 - Descritores do SAEB

TÓPICOS	DESCRIPTORES
<p>Tópico I</p> <p>Procedimentos de leitura</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Localizar informações explícitas em um texto; ➤ Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; ➤ Inferir uma informação implícita em um texto; ➤ Identificar o tema de um texto
<p>Tópico II</p> <p>Implicações do suporte, gênero e/ou Enunciador na compreensão de um texto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.) ➤ Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros;
<p>Tópico IV</p> <p>Coerência e coesão no processamento do texto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
<p>Tópico V</p> <p>Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de sentido.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

Fonte: INEP

Partindo das habilidades sugeridas pelos descritores no tocante ao trabalho com a infografia em sala de aula, organizamos atividades em uma sequência didática voltadas para a leitura, interpretação e produção do infográfico por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, podendo se estender para as demais séries do mesmo nível de ensino, desde que feitas as alterações para se adequarem a cada uma das séries.

Neste trabalho, optamos por apresentar uma das diversas possibilidades de análise do infográfico, dada a sua riqueza de recursos, que se permitem diversos olhares, tanto do ponto de vista composicional, chamando a atenção para as várias semioses que compõem o gênero, quanto do temático, além do estilo e suporte.

Segundo Barbosa e Rovai (2012, p. 31), “um trabalho com foco em um gênero deve contar com exploração não só dos aspectos formais, mas também das suas condições de produção e de características da esfera”. No que se refere ao trabalho com o texto infografado, procuraremos desenvolver nos alunos habilidades de perceber os sentidos a partir dos elementos que contribuem para a significação do texto (cores, gráficos, imagens, etc.), de modo que o aluno possa, além de compreender a proposta do infográfico, produzi-lo de acordo com os padrões do gênero.

4.1 Letramento visual

Os estudos sobre o letramento surgiram para verificar o estado em que se encontram os indivíduos quanto ao uso da escrita e para despertar na sociedade a necessidade de se implementarem medidas que proporcionem maior aproximação do ser humano com a leitura e a escrita, de modo que este possa interagir crítica e conscienciosamente através das práticas sociais da linguagem. Segundo Kleiman (2005),

o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações destacam as competências *individuais* no uso e na prática da escrita (KLEIMAN, 2005, p. 1).

Ultimamente, o termo “letramento” é empregado por vários estudiosos que se debruçam sobre os estudos relacionados ao ensino da língua. Segundo Kleiman (2005, p. 5), “letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar”. É também tema de diversas discussões no meio acadêmico, com o objetivo de alertar professores para avaliarem suas práticas pedagógicas no tocante ao ensino da língua portuguesa e desenvolverem estratégias que possam ir além da

descodificação da palavra, buscando desenvolver nos alunos a competência da leitura e da escrita.

O vocábulo “letramento” provém da palavra *literacy*, uma versão da língua inglesa para o Português (SOARES, 2009, p. 17). Segundo a autora, “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.”

Segundo Oliveira,

No Brasil, o termo “letramento” foi usado pela primeira vez por Mary Kato, em 1986, na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Depois dessa referência, o vocábulo letramento aparece em 1988, no livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda Verdiani Tfouni, a qual dedica boa parte da obra à definição de letramento e busca distinguir letramento de alfabetização (OLIVEIRA, 2011, p. 5).

Assim como para cada ser que passa a existir é necessária a criação de um nome para atribuir a esse ser, acreditamos também que alguns nomes atribuídos a determinadas ações ou seres possam também sofrer abrangência de sentido à medida que vão surgindo novas realidades que envolvem esses nomes. É o caso, por exemplo, do termo letramento, que, além de significar as práticas sociais da linguagem verbal, engloba a habilidade de ler e interpretar uma informação a partir da imagem que se mistura ao texto escrito para contribuir para a construção do sentido.

Nos últimos anos, aspectos gráficos como negritos, tamanho e cor da fonte, fotografias, gráficos, diagramas, cores, etc. passaram a compor, numa página impressa, um conjunto de signos que constituem um texto. Essa realidade é consequência da necessidade que a população tem de assimilar a informação com mais versatilidade e dinamismo. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), os recursos visuais não são mais vistos como ilustrações para apoiar o texto escrito, mas como mensagem organizada, estruturada e independente.

Dionísio (2005, p. 132) amplia o conceito de letramento ao afirmar que “na sociedade contemporânea, à prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática do letramento da imagem, do signo visual”. Isso porque as imagens nos chamam atenção pelo seu colorido e completam o sentido do que está escrito. Segundo Mayer (apud Dionísio, 2005, p. 141), “os alunos aprendem melhor através de palavras e imagens que de palavras apenas.”

Essas mudanças no modo de veiculação da informação levam teóricos como Kress e van Leeuwen a considerarem a leitura da informação visual como uma necessidade da sociedade contemporânea. Nesse caso, torna-se imprescindível que se desenvolva no aluno

maior atenção para o aspecto visual do texto, bem como conscientizar esse aluno para os efeitos de sentido que as imagens, integradas ao texto, podem gerar, ou seja, levá-lo ao letramento visual, que Procópio e Souza (2010, p. 10) definem como “a habilidade de entender e produzir mensagens visuais”.

Segundo Chartier (2002), estamos vivenciando

uma revolução na modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita (CHARTIER, 2002, p. 24).

Dáí a necessidade de a escola proporcionar novos hábitos de leitura para tornar os alunos capazes de entender esse novo processo da cultura escrita e interagir de forma consciente nesse novo cenário linguístico. Também são necessárias atividades que demandem questões que explorem o conteúdo do gênero de modo a contribuir para a sua compreensão, a partir não só a palavra, mas ainda da imagem.

Segundo Riesland, os alunos letrados visualmente devem ser capazes de:

- a. compreender os elementos básicos do design visual;
- b. perceber as influências emocionais, psicológicas, fisiológicas e cognitivas nos elementos visuais;
- c. compreender as imagens simbólicas, representacionais, explanatórias e abstratas;
- d. ser observadores informados e críticos da informação visual e comunicadores visuais efetivos. (RIESLAND, *apud* Procópio e Souza, 2010, p. 10)

De modo geral, podemos afirmar que o letramento visual é a capacidade que o indivíduo adquire de, através da imagem, compreender o sentido, interpretá-lo e comunicar o que foi assimilado. Nesse caso, o letrado visual deve estar apto a reunir informações no espaço imagético a partir do contexto em que o texto foi produzido e dar sentido a elas.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p.25), “vivemos em um mundo culturalmente organizado por múltiplos sistemas semióticos – linguagens verbal e não verbal – resultado de trabalho humano que foi sedimentado numa relação de convencionalidade.” Nesse sentido, os infográficos, sejam eles jornalísticos ou didáticos, podem ser inseridos no conteúdo das aulas de português como uma ferramenta de aprendizagem que permite o letramento verbal e visual dos alunos.

4.2 Delineamento da proposta

A proposta de intervenção apresentada neste trabalho ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Álvaro Alves de Matos, localizada no Povoado Jabiberi, a 17km do Município de Tobias Barreto – SE.

A escola atende alunos tanto da comunidade local, quanto dos lugarejos e povoados vizinhos. Oferece da Pré-escola ao 9º ano, além de uma turma de EJA, no turno noturno, atendendo a jovens e adultos, inclusive, pais de alunos da própria escola. Hoje, o Álvaro Alves possui um total de 374 alunos, distribuídos em 7 turmas pela manhã, sendo 4 na sede e 3 em um prédio anexo; 6 pela tarde, 4 na sede e 2 no anexo. À noite, há uma turma de EJA, na sede da escola.

A turma participante desta proposta foi o 9º ano, composta por 20 alunos, numa faixa etária que varia entre 13 e 16 anos. São alunos oriundos de vários lugarejos, o que evidencia uma diversidade cultural no ambiente escolar e várias formas de olhar em relação a determinado tema discutido em sala de aula.

Visando atender aos propósitos desta pesquisa, elaboramos as atividades fundamentadas na leitura, interpretação e produção do infográfico, a ser desenvolvida durante uma semana e meia, totalizando 08 (oito) aulas consecutivas. Considerando o período de execução desta proposta de atividades, serão analisados em sala de aula, com os alunos, três infográficos: *Monogamia não faz sentido?*, por abordar um tema relacionado com a comunidade; *Game of Thrones está de volta*, por ser uma série que atrai os adolescentes; e *Inteligência artificial*, por discutir aspectos relacionados com a tecnologia, que chama bastante a atenção dos jovens de modo geral, conforme delineamento no quadro abaixo:

Quadro 9 - Proposta de atividades

DELINEAMENTO DA PROPOSTA DE ATIVIDADES	
TEMA: Infográfico no processo de letramento	
OBJETIVOS	
GERAL	
Proporcionar experiências com a utilização do infográfico como um recurso no processo de letramento dos alunos.	

ESPECÍFICOS											
Conhecer o gênero infográfico, sua estrutura composicional e sua função social; Perceber a relação imagem e texto na construção dos sentidos; Construir infográficos.											
TOTAL DE AULAS	8 aulas										
CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES											
Esta sequência didática foi elaborada para se desenvolver em 8 aulas, assim planejada: 1ª e 2ª aulas: Aplicação do Plano de aula 1; 3ª e 4ª aulas: Aplicação do Plano de aula 2; 5ª aula: Aplicação do Plano de aula 3; 6ª e 7ª aulas: Aplicação do Plano de aula 4; 8ª aula: Aplicação do Plano de aula 5;											
AValiação DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM											
A avaliação se dará a partir da participação, envolvimento realização das atividades propostas para os alunos.											
RECURSOS											
Serão utilizados na aula: <table border="0"> <tr> <td>- Datashow;</td><td>- Lápis grafite e lápis de cor;</td></tr> <tr> <td>- Notebook;</td><td>- Borracha;</td></tr> <tr> <td>- Revistas;</td><td>- Pincel para quadro branco;</td></tr> <tr> <td>- Papel A4;</td><td>- Xerox colorida dos infográficos.</td></tr> <tr> <td>- Caneta esferográfica;</td><td></td></tr> </table>		- Datashow;	- Lápis grafite e lápis de cor;	- Notebook;	- Borracha;	- Revistas;	- Pincel para quadro branco;	- Papel A4;	- Xerox colorida dos infográficos.	- Caneta esferográfica;	
- Datashow;	- Lápis grafite e lápis de cor;										
- Notebook;	- Borracha;										
- Revistas;	- Pincel para quadro branco;										
- Papel A4;	- Xerox colorida dos infográficos.										
- Caneta esferográfica;											

Fonte: Elaborado pelo autor

A base teórica que norteou esta proposta de trabalho em relação à linguagem converge para a abordagem enunciativo-discursiva, de Bakhtin (2003), que enfatiza o processo de

interação verbal e o enunciado. A interação ocorre não só face a face, mas também a partir do momento em que o leitor interage com o texto aceitando, reformulando ou completando informações desse texto de acordo com suas experiências e conhecimentos adquiridos.

No caso infográfico, os alunos podem verificar como se organizam as diferentes semioses na composição do gênero para fazer com que o leitor interaja de forma ativa no processo de leitura do texto infografado. Essa interação se dará a partir da leitura inicial, quando eles começam a se posicionar em relação ao texto apresentando suas impressões sobre o *layout* do infográfico. A partir daí, efetuam-se as análises, seguindo uma sequência didática, a qual culminará com apresentações de seminários pelos alunos utilizando infográficos para ilustrar o tema.

Para a realização desta proposta de trabalho com os alunos da escola mencionada, foram elaborados cinco planos de aula a serem aplicados no período de uma semana e meia. Cada plano contempla um conjunto de atividades correspondente a cada etapa da Sequência Didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (apud Marcuschi, 2008), doravante SD.

O plano de aula 1 apresenta a situação inicial da SD, em que a turma manterá o primeiro contato com o gênero infográfico. Será realizado em duas aulas consecutivas. Sendo que na primeira, os alunos terão contato com gêneros diferentes e, na segunda, passarão a conhecer o infográfico com mais detalhes, observando o suporte, suas características, com apresentação, pelo professor, de um breve histórico da infografia. Aqui, as atividades ocorrem de modo que os alunos mantenham uma relação interativa com o infográfico, expressando suas primeiras impressões sobre o gênero.

Quadro 10 - Plano de aula 1

PLANO DE AULA 1 – Conhecendo do gênero	
TEMA: Infográfico	Nº de aulas: 2 (Geminadas)
OBJETIVOS	
Geral	
<ul style="list-style-type: none"> • Propiciar experiências com a utilização o infográfico como elemento sedutor no processo de letramento dos alunos. 	
Específicos	
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o gênero infográfico, observando a sua estrutura composicional e sua função social; • Diferenciar gêneros textuais; 	

<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar um infográfico.
CONTEÚDO
<ul style="list-style-type: none"> • Infográficos
METODOLOGIA
<p>1ª Aula:</p> <p>Esta aula terá início com a distribuição de textos que representam diferentes gêneros textuais, inclusive, o infográfico. O professor pede que um aluno leia um texto e, em seguida, pede a outro que leia o que se assemelha ao primeiro, observando estrutura composicional, linguagem, forma de abordagem do tema, etc. Esse procedimento seguirá com os demais gêneros. Por último, solicitar aos alunos que respondam o Questionário 1.</p> <p>2ª Aula:</p> <p>Esta aula se realizará a partir da leitura da projeção, através de Datashow, de vários infográficos para a turma. A partir daí, seguem-se as etapas da aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distribuir várias revistas entre os alunos para que eles localizem infográficos com base na projeção; • Pedir que os alunos escolham um infográfico da revista e informem o que pensaram sobre o gênero, observando a precisão das informações, <i>design</i> e a linguagem; • Ver com eles que aspectos do infográfico chamaram mais a atenção; • Pedir que cada aluno diga de que trata o infográfico que lhe chamou a atenção; • Apresentação, pelo professor, de uma breve história da infografia através do Datashow; • Solicitar que os alunos elaborem um infográfico. <p>O professor pede que os alunos elaborem um infográfico a partir das sugestões temáticas: Cultura local, Drogas, Importância da atividade física, Consequências do alcoolismo, etc.</p>
AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
A avaliação se realizará a partir da participação e envolvimento nas atividades

propostas.
RECURSOS
Serão utilizados na aula: <ul style="list-style-type: none"> - Datashow; - Notebook; - Revistas. - Textos xerografados.

Fonte: Elaborado pelo autor

No plano de aula 2, as atividades já correspondem aos módulos da SD, e têm início com a leitura do infográfico *Monogamia não faz sentido?*, explorando, em seguida, aspectos imagéticos a serviço da construção dos sentidos, com base na metafunção composicional, apresentada na *Gramática do Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2006). É nesse momento que ocorre a elaboração de um infográfico a partir da orientação do professor, que apresenta sugestões temáticas para que os alunos escolham o tema com que vão trabalhar.

Quadro 11 - Plano de aula 2

PLANO DE AULA 2 – Conhecimento do gênero	
TEMA: Infográfico	Nº de aulas: 2 (Geminadas)
OBJETIVOS	
Geral	
<ul style="list-style-type: none"> • Propiciar experiências com a utilização do infográfico como elemento sedutor no processo de letramento dos alunos. 	
Específicos	
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o gênero infográfico, observando a sua estrutura composicional e sua função social; • Perceber a relação imagem e texto na construção dos sentidos a partir da metafunção composicional. • Criar infográficos. 	
CONTEÚDO	

Leitura e interpretação do infográfico *Monogamia não faz sentido?*

METODOLOGIA

1ª Aula:

Esta aula se realizará a partir da leitura do infográfico *Monogamia não faz sentido?* assim organizada:

- **1º Momento:** Explorando o gênero

O professor inicia a aula a partir da entrega de infográficos aos alunos. Em seguida, cria um momento de leitura do gênero e, em seguida, faz as seguintes indagações: Todo texto tem uma função: contar história (romance), informar (notícia), convidar pessoas para eventos (convite), ensinar a mexer no celular (manual), etc. Qual a função desse texto? O que ele traz de diferente em relação aos demais que você já leu?

- **2º Momento:** Aplicação de atividade escrita, conforme tópicos abaixo:

O professor lê o título e o texto que o acompanha (gravata) e pede que os alunos leiam os demais blocos de textos. Logo depois, pede que os alunos digam **de que trata o infográfico** e pede para mostrarem e refletirem sobre o que, para eles, vai de encontro a nossa cultura em relação à união a dois a partir da informação que o infográfico nos traz sobre o tema.

- Relação imagem e conteúdo – metafunção composicional

Solicitar que os alunos digam o que sugere a imagem do homem inteiro e localizada no centro do texto e quais informações o aluno já conhece (Dado) e quais ele desconhece (Novo), em relação ao tema abordado.

- Explorando a semântica

Mostrar que o título começa com uma palavra pouco empregada no nosso cotidiano: monogamia. Explorar o significado dessa palavra, a partir do sentido do radical

<p>mono; solicitar que os alunos relacionem outras que comecem com o mesmo radical. Fazer o mesmo com a palavra onívoro, presente no texto. Explorar o sentido de toda a expressão do título <i>Monogamia não faz sentido?</i>, atentando-se para o emprego do ponto de interrogação.</p> <p>2ª Aula:</p> <p>Discussão acerca da atividade aplicada e orientação para a construção do infográfico.</p>
<p align="center">AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM</p>
<p>A avaliação se realizará a partir da participação e envolvimento nas atividades propostas.</p>
<p align="center">RECURSOS</p>
<p>Serão utilizados na aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Xerox do infográfico; - Papel A4; - Lápis grafite e lápis de cor. - Dicionários.

Fonte: Elaborado pelo autor

As atividades propostas no plano de aula 3 correspondem à sequência dos módulos da SD, que prevê o aprimoramento do gênero. Nesse momento, com a leitura do infográfico *Game of Thrones está de volta*, os alunos exploram os efeitos de sentido produzidos pela relação que se estabelece através da utilização das diferentes semioses que compõem o infográfico. Essa exploração ocorre a partir da leitura e interpretação do infográfico, com base na metafunção interativa, por meio de um questionário escrito que os alunos responderão e que, em seguida, será corrigido pelo professor.

Quadro 12 - Plano de aula 3

PLANO DE AULA 3 – Explorando o gênero	
TEMA: Infográfico	Nº de aulas: 1
OBJETIVOS	
<p style="text-align: center;">Geral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar experiências com a utilização do infográfico como elemento sedutor no processo de letramento dos alunos. 	
<p style="text-align: center;">Específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o gênero infográfico, observando a sua estrutura composicional e sua função social; • Perceber a relação imagem e texto na construção dos sentidos a partir da metafunção interativa. • Aprimorar o infográfico criado. 	
CONTEÚDO	
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação do infográfico <i>Game of Thrones está de volta</i>. 	
METODOLOGIA	
<p>Esta aula se realizará a partir da leitura do infográfico <i>Game of Thrones está de volta</i>. Assim organizada:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1º Momento: Leitura do infográfico <p>O professor apresenta o infográfico aos alunos e pede que eles o leiam silenciosamente. Em seguida, estimula a fala dos alunos a partir das informações que obtiveram.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2º Momento: Explorando o conteúdo <p>Em seguida, entrega uma folha de papel A4 com algumas perguntas que devem ser respondidas por escrito: 1. O que se pode depreender a partir da expressão “está de volta”, presente no título? 2. Observando a expressão facial da personagem Sansa, que sentimento o seu olhar nos transmite? 3. Que elemento(s) do infográfico, na construção da imagem (cor, forma, brilho) relaciona(m) Sansa a uma jovem ardilosa? 4. A partir da cor com que cada personagem está relacionado, qual deles está numa situação de risco? Comente. 5. Conforme</p>	

a legenda apresentada no infográfico, relacione a primeira coluna de acordo com a segunda, levando em consideração o nível de risco que cada personagem corre, de ficar fora da série.

- | | |
|------------|-----------------------|
| (1) Alta | () Briene |
| (2) Média | () Myrcella |
| (3) Máxima | () Sansa |
| | () Verme e Missandei |
| | () Jaime Lannister |

AValiação DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A avaliação se realizará a partir da participação e envolvimento nas atividades propostas.

RECURSOS

Serão utilizados na aula:

- Xerox do infográfico;
- Xerox da atividade;
- Caneta e/ou lápis grafite.

Fonte: Elaborado pelo autor

O plano de aula 4 prevê o momento em que os alunos, a partir da compreensão do infográfico como um gênero multimodal que se constitui por meio da linguagem verbal e da visual, produzem um infográfico a partir do tema sugerido, o qual será apresentado para os colegas. Essa atividade ocupará uma aula inteira, tendo em vista que se trata de um momento em que os alunos precisam da atenção do professor para os ajustes finais da composição.

Quadro 13 - Plano de aula 4

PLANO DE AULA 4 – Explorando o gênero	
TEMA: Infográfico	Nº de aulas: 2 (Geminadas)
OBJETIVOS	
Geral	
<ul style="list-style-type: none"> Compreender o infográfico como um gênero multimodal que se utiliza da linguagem verbal e visual para viabilizar informações sobre temas diversos. 	

<p style="text-align: center;">Específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definir o tema do infográfico a ser construído; • Selecionar elementos (gráficos, imagens, cores, etc.) para a construção do infográfico; • Construir o infográfico.
<p style="text-align: center;">CONTEÚDO</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Construção do infográfico.
<p style="text-align: center;">METODOLOGIA</p>
<p>Esta aula se realizará a partir da leitura do infográfico <i>Inteligência artificial</i>. Assim organizada:</p> <p>1ª Aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1º Momento: Explorando o infográfico <p>Leitura do infográfico <i>Inteligência artificial</i>, seguida de discussão sobre o processo de construção do gênero e do tema abordado, levando em consideração a evolução da tecnologia a serviço do homem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2º Momento: Aplicação do questionário 2. <p>2ª aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 3º Momento: Oficina de produção do infográfico a partir dos temas sugeridos pelos pelo professor. <p>No final da aula, os alunos entregam o infográfico construído ao professor, para avaliação.</p>
<p style="text-align: center;">AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM</p>
<p>A avaliação se realizará a partir da participação, envolvimento e realização das atividades propostas.</p>
<p style="text-align: center;">RECURSOS</p>
<p>Serão utilizados na aula:</p>

- Xérox colorida do infográfico;
- Papel A4;
- Lápis grafite, caneta esferográfica e lápis de cor.

Fonte: Elaborado pelo autor

O plano 5 propõe a realização do seminário em que os alunos apresentarão o tema previamente definido com o auxílio do infográfico produzido por eles. Nesse momento, o aluno apresenta o que aprendeu ao longo das oito aulas das quais participou.

Quadro 14 - Plano de aula 5

PLANO DE AULA 5 – Apresentação oral do infográfico	
TEMA: Infográfico	Nº de aulas: 1
OBJETIVOS	
Geral	
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o infográfico como um gênero multimodal que se utiliza da linguagem verbal e visual para viabilizar informações sobre temas diversos. 	
Específicos	
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar oralmente o infográfico construído; • Promover uma discussão acerca do trabalho com o infográfico; • Expor os infográficos em sala de aula. 	
CONTEÚDO	
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos infográficos construídos em sala de aula. 	
METODOLOGIA	
<p>Esta aula se realizará a partir da leitura dos infográficos produzidos pelos alunos, assim organizada:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1º Momento: Apresentações dos infográficos <p>Cada aluno apresenta seu trabalho oralmente (2 minutos para cada aluno).</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2º Momento: Considerações sobre os trabalhos dos alunos pelo professor. 	

O professor orienta que cada aluno construa seu infográfico.
AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
A avaliação se realizará a partir da participação, envolvimento e realização das atividades propostas.
RECURSOS
Serão utilizados na aula: - Infográficos dos alunos.

Fonte: Elaborado pelo autor

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base na fundamentação teórica que deu sustentação às atividades propostas nesta pesquisa acerca do gênero infográfico como um instrumento didático para o processo de letramento dos alunos, apresentamos neste capítulo a análise dos resultados obtidos após a execução da sequência didática que se aplicou na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, composta por 20 alunos. Para isso, apresentaremos uma análise quantitativo-qualitativa no tocante ao desempenho dos alunos participantes em relação à resolução dos questionários aplicados no que diz respeito à compreensão do infográfico, observando a sua estrutura composicional, função social, condições de produção e circulação.

No tocante à abordagem quantitativo-qualitativa, para a verificação dos resultados alcançados a partir da desenvoltura dos alunos no trabalho com o infográfico, foram elaborados questionários embasados nos descritores do SAEB, elencados no quadro 10, a fim de que se possa traçar o perfil dos estudantes a partir das respostas dadas. Nessa fase, foram observadas as respostas em relação ao gênero em estudo. Para a demonstração dos dados, serão utilizados gráficos que apresentarão o percentual de acertos e de erros, a fim de que possamos identificar o grau de desempenho dos alunos nas atividades propostas.

Conforme depoimento dos alunos, o trabalho com o infográfico foi interessante e produtivo, já que facultou experiências com um gênero até então desconhecido pela maioria deles:

“Quando nos disseram que íamos fazer um projeto, eu achei que iria ser ruim, mas não foi, foi até legal, eu gostei porque eu conheci vários textos como o infográfico” (A. C. J. S).

Em se tratando da metodologia aplicada na execução da Sequência Didática, pudemos perceber o envolvimento e a participação de todos os alunos. Isso porque as aulas não se detiveram apenas à transmissão do conteúdo, ou seja, das características do gênero infográfico, mas à discussão dos temas abordados, bem como a função social do gênero em questão. Com isso, segundo Marcuschi (2008, p. 217), “o aluno se prepara para enfrentar as situações reais da vida diária”.

Como os alunos viram sentido nas atividades que lhe foram propostas, eles se tornaram protagonistas no processo de aprendizagem na medida em que construíam o conhecimento observando o gênero estudado a partir da função social em revistas e outros

meios de comunicação onde o infográfico estava presente, o que os motivou para a realização de cada tarefa apresentada.

Para que os alunos pudessem continuar empenhados no projeto, criamos condições para que as atividades partissem de situações vivenciadas por eles. Para isso, foi dada a liberdade na escolha de temas com os quais gostariam de trabalhar na construção do infográfico, o que resultou num trabalho prazeroso e produtivo:

“Durante esse período que ficamos trabalhando com infográficos foi bastante interessante e bom para nosso aprendizado, foi inovador e interativo” (J. L.S).

“Exercícios com construções de desenhos artísticos que refletiam informações sobre o texto, se tornaram agradável de produzir” (M. O. O. S)

Isso não significa que foi tudo fácil do início ao fim, mas que as dificuldades foram sendo superadas no decorrer de cada módulo da Sequência didática trabalhado:

“Eu gostei do projeto, porém no início tivemos um pouco de dificuldade, mas com muito esforço e dedicação, fizemos o melhor” (T. C. S.)

Como a turma já havia estudado outros gêneros textuais, como a notícia, o poema, o manual de instrução, o resumo de novelas, sinopse de filmes, entre outros, os alunos não apresentaram nenhuma rejeição em relação às atividades propostas no decurso da Sequência didática:

“Bom. Achei bem legal, sempre bom aprender coisas novas a parte do infográfico foi o que mais me chamou a atenção pelo fato de não ter estudado aquilo antes” (K. F. M. S.).

As atividades ocorreram num clima de tranquilidade e disciplina, o que contribuiu para a realização das tarefas em tempo hábil. Embora o infográfico tenha sido um gênero desconhecido para a maioria dos alunos, eles conseguiram assimilar sua estrutura e função social com facilidade.

Após a leitura de cada texto infografado, era proposta uma discussão a respeito do tema abordado no infográfico, a qual contava com a maioria dos alunos. Cada um dava sua contribuição de modo a favorecer a compreensão do tema discutido.

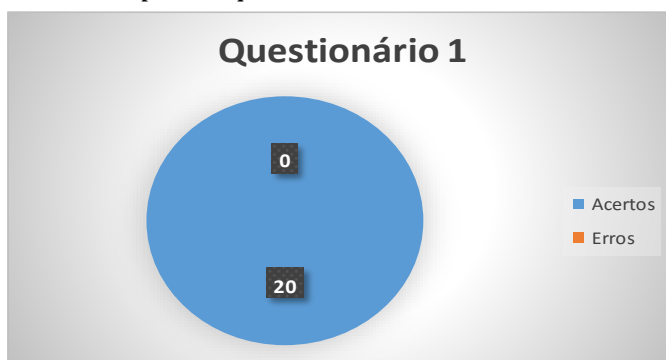
“O projeto era muito legal, se fosse para eu participar novamente eu participaria” (D. F. S.).

Assim sendo, apresentaremos a seguir a nossa análise com base no desempenho dos alunos na realização de cada tarefa proposta em sala de aula.

O início da Sequência didática proposta neste estudo ocorreu de modo que a primeira aula propiciou aos alunos o contato com gêneros textuais distintos, o que fez com que os estudantes percebessem que, além da estrutura diferenciada, os textos possuem funções diferentes, de acordo com os propósitos comunicacionais de quem os escreve ou fala.

Como primeiro instrumento de avaliação, utilizamos o questionário 1, que faz uma sondagem em relação à capacidade dos alunos no sentido de distinguir um gênero do outro por meio da leitura de seis textos que representam diferentes gêneros: o infográfico, o poema, a fábula, a receita culinária, a notícia e o convite. Esse questionário foi aplicado individualmente, após o contato com os gêneros citados e a discussão sobre a estrutura e função social de cada um deles. Como resultado, obtivemos os dados representados no gráfico abaixo, que mostra os resultados em relação às respostas dadas pelos alunos participantes:

Gráfico 1 - Respostas ao questionário 1



Conforme o gráfico acima, todos os alunos demonstraram capacidade de perceber as diferenças de caráter estrutural e funcional de cada um dos gêneros textuais apresentados durante a aula. Isso significa que os estudantes são receptivos a atividades que propõem situações reais de uso da linguagem, o que contradiz a ideia de que o aluno não gosta de ler e não se interessa pelas aulas de Português. Além disso, se os alunos conseguiram assimilar os

gêneros propostos nesta pesquisa, com certeza, essa realidade pode se estender para outros gêneros recorrentes no meio em que vive.

Diferentemente da atividade anterior, na segunda aula, colocamos os alunos diante de outra situação: a produção do primeiro infográfico, momento que, segundo Marcuschi (2008, p. 215), é a primeira formulação do texto que pode ser realizada tanto coletiva como individualmente, de modo a treinar o gênero. Nessa primeira produção, quatro alunos apresentaram dificuldade para realizá-la, alegando não terem habilidade para desenhar, conforme demonstração de resultado no gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Realização da primeira produção do infográfico



Considerando que a primeira produção é apenas um ensaio para a produção final, os alunos contaram com as orientações para o aprimoramento acerca das condições de produção do gênero. Durante o período de realização do projeto, foi dada maior atenção aos quatro alunos que não conseguiram produzir o primeiro infográfico, com o objetivo de fazê-los construí-lo. Segundo Marcuschi (2008, p. 215), essa fase é crucial, já que representa a primeira atividade em que o texto vai sendo avaliado e revisto tantas vezes sejam necessárias. Isso contribui para que os alunos percebam os erros e melhorem gradativamente quanto ao uso dos gêneros com os quais pretende se comunicar.

Nosso objetivo é fazer com que os alunos se apropriem das condições de produção do gênero infográfico, observando os elementos que o compõem e sua funcionalidade tanto na mídia digital, como na impressa. Para isso, as atividades com o gênero em questão foram divididas em módulos, a fim de que os alunos possam compreender que um gênero textual representa uma situação de uso da língua, a qual vai além de classificação e categorização de palavras fora de um contexto de uso.

Visando à assimilação do gênero infográfico por parte dos estudantes, foi desenvolvida, conforme plano de aula 2, uma atividade de leitura e interpretação do infográfico *Monogamia não faz sentido?* O exercício explora questões relacionadas com a leitura da imagem, a partir da metafunção composicional, proposta por Kress e van Leeuwen (2006), na *Gramática do Design visual*, de modo que o aluno perceba a relação que se estabelece entre imagem e texto na construção dos sentidos, observado o valor de informação proposto na referida gramática. A atividade é composta por 4 questões. Sendo que a 1ª explora o conteúdo; a 2ª e a 3ª, o sentido da imagem no infográfico de acordo com a posição que ocupa, e a 4ª, o aspecto semântico.

Do infográfico *Monogamia não faz sentido?*, os dados serão apresentados conforme as respostas dadas pelos alunos às questões que foram propostas em formulário aplicado durante a aula. Vale ressaltar que essa atividade foi realizada individualmente, a fim de que se verificasse o grau de compreensão de cada aluno participante acerca do infográfico trabalhado, assim proposta:

Questão 1 – O que vai de encontro à nossa cultura em relação à união a dois a partir da informação que o infográfico nos traz sobre a monogamia?

Objetivo: Verificar se o aluno identificou o que vai de encontro a nossa cultura (Povoado onde se localiza a escola) em relação à união a dois a partir das informações que o infográfico traz sobre o tema abordado na parte superior, que caracteriza o elemento Ideal, conforme a *Gramática do Design Visual*.

Gráfico 3 - Questão 1- Plano de aula 2



Apesar de três alunos não terem dado a resposta esperada, constatamos que a leitura do infográfico foi compreensiva para a maioria, atendendo aos descritores do Tópico II do SAEB. Acreditamos que os três alunos não tenham acertado devido ao fato de eles terem confundido a expressão “vai de encontro” com “vai ao encontro de”, já que responderam “A sociedade é a favor da monogamia”, o que nos levou a refletir sobre problemas relacionados com o aspecto semântico de determinados vocábulos, e não com o posicionamento das informações no infográfico.

Questão 2 – Que ideia a imagem do homem inteiro no centro do infográfico passa, levando em consideração o tema abordado?

Objetivo: Verificar o grau de compreensão do aluno a partir do posicionamento da imagem sobre a ideia que passa em relação ao tema discutido no infográfico.

Essa questão não exige apenas uma única resposta, o que permite que o aluno, ao analisar a imagem, busque sentidos a partir da relação que se estabelece com o tema, a partir da posição que a imagem ocupa: o centro do infográfico. Dentre as respostas dadas pelos alunos, destacamos:

- a) “Sugeri informações sobre a vida humana e a monogamia”
- b) “O homem pode tudo”
- c) “Informação sobre a vida sexual do ser humano”
- d) “O homem faz mais sexo de que a mulher”

Essas respostas, embora distintas, revelam o entendimento pelos alunos de que a imagem do homem representa o núcleo da informação, por ocupar uma posição central no infográfico (FERNANDES e ALMEIDA, 2008).

Questão 3 – Considerando os elementos que ficam às margens do infográfico, podemos entender como uma informação considerada nova:

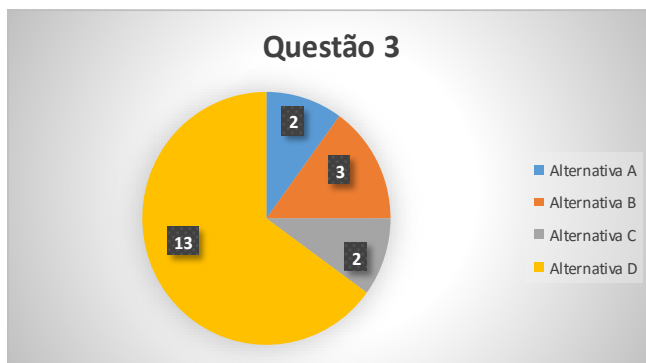
- a) O sexo cria laços sociais.
- b) O homo sapiens faz mais sexo do que o biologicamente necessário.
- c) A anatomia do homem revela indícios de evolução.
- d) Para a mulher toda hora é hora para o sexo.

Objetivo: Verificar se os alunos são capazes de localizar informações a partir da estruturação do infográfico, observando a posição em que se encontram os elementos que o compõem.

Resposta correta: Letra D.

A partir das respostas dos alunos participantes, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 4 - Questão 3 – Plano de aula 2



A quantidade dos alunos que acertaram essa questão demonstrou habilidade de leitura do infográfico pela maioria da turma, atendendo ao proposto por Kress e van Leeuwen (2006) no que se refere ao Dado/Novo, na composição do infográfico estudado.

Acreditamos que os alunos que não deram a resposta esperada desconheciam algumas informações sobre o tema, já que, se a informação é nova para, pelo menos alguns deles, é provável que tenham confundido a resposta em relação à localização da mensagem no infográfico.

Questão 4 – Considerando o significado da palavra “onívoros”, qual o sentido da expressão “onívoros sexuais” no texto inicial do infográfico?

Objetivo: Verificar se o aluno é capaz de entender o sentido de expressão ou palavras empregadas no texto acerca do tema.

Sugestão de resposta: Pessoas capazes de manter relações sexuais com diversos parceiros.

A essa questão todos os alunos da turma responderam adequadamente, o que nos fez perceber que eles compreenderam o sentido das palavras empregadas para dar sentido ao texto do infográfico.

Dando continuidade à Sequência Didática, a fim de ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito do gênero em questão, aplicamos o plano de aula 3, que propõe atividades sobre o infográfico *Game of Thrones está de volta*, explorando os recursos Contato e Perspectiva, referentes à metafunção interativa.

Nesse momento da Sequência Didática, foi realizada uma leitura silenciosa e, em seguida, teceram-se comentários sobre o tema discutido no infográfico. Logo após, entregou-se um questionário composto por 5 questões assim organizado: a 1ª explora o sentido da mensagem através de uma expressão presente no título do infográfico; as demais trabalham o sentido das imagens por meio dos recursos imagéticos a partir da proposta da metafunção interativa, apresentada na Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006).

Questão 1 – A partir da expressão “está de volta”, presente no título do infográfico, depreende-se que:

- a) A série deixou de ser exibida por tempo indeterminado;
- b) A série passou um período sem ir ao ar e depois voltou a ser exibida;
- c) A série sempre esteve em exibição, sem nunca ter saído do ar;
- d) A série passou por transformações sem deixar de ir ao ar;
- e) A série ficou sem ser exibida por passar por novas transformações.

Objetivo: Verificar se o aluno é capaz de reconhecer o sentido de determinadas expressões contidas no texto.

Gráfico 5 - Questão 1 - Plano de aula 3



Resposta: Alternativa B

Conforme o gráfico acima, a maioria dos alunos consegue inferir uma informação a partir da articulação das palavras no texto. Quanto aos estudantes que optaram pela alternativa E, tal opção se justifica pelo fato de a série ter ficado sem ser exibida por ter passado por mudanças. Os alunos que erraram só esqueceram que a série retornou ao ar, o que os fez optar por tal alternativa.

Questão 2 – Observando a expressão facial de Sansa, que sentimento e seu olhar nos transmite?

Objetivo: Nessa questão, espera-se que o aluno seja capaz de identificar os sentimentos que o olhar da atriz transmite, observando a direção desse olhar a partir da análise da angulação oblíqua da metafunção interativa.

Sugestão de resposta: Indiferença, irritação, maldade, etc.

Embora a questão não exija uma resposta única, os alunos, ao observarem o direcionamento do olhar da atriz, conseguiram identificar duas das sugestões de respostas, descartando “Irritação”. 12 alunos responderam “Maldade” e 6 alunos, “Indiferença”.

Vimos nessa questão que a turma compreendeu de modo satisfatório o que lhe foi proposto no sentido de, observando o perfil e, analisando o ângulo da imagem, chegar a uma resposta condizente com o tema discutido no infográfico, atendendo, inclusive, ao proposto no descritor que versa sobre a interpretação do texto com auxílio de material gráfico diverso.

Questão 3 – Que elemento (s) do infográfico, na construção da imagem (cor, forma, brilho, etc.) relaciona (m) Sansa a uma jovem ardilosa?

Objetivo: Verificar a capacidade dos alunos de relacionarem a cor ao perfil de determinadas participantes representados.

Resposta: A cor preta

Nessa questão, não houve erros. Todos os alunos identificaram a cor preta como a que se relacionou não só a atriz, mas com as informações apresentadas no bloco de texto que à atriz faz referência. Segundo Fernandes e Almeida (2008), a intensificação ou suavização das cores identificam a importância que se atribui aos elementos que compõem o fazer imagético na construção do sentido.

Com essa questão, percebeu-se que os alunos participantes demonstraram habilidade de leitura e interpretação da imagem através da combinação de cores como um elemento construtor do sentido na construção do texto como um todo.

Questão 4 – A partir da cor com que cada ator está relacionado, qual deles está numa situação de risco? Comente.

Objetivo: Verificar a capacidade de os alunos estabelecerem relação entre as cores e a situação de cada ator.

Sugestão de resposta: Brienne. A atriz está representada pela cor vermelha, mais acentuada.

Embora o comentário pudesse variar de aluno para aluno, o nome da atriz, Brienne, foi identificado por todos os alunos. Da mesma forma que os comentários justificaram coerentemente a resposta dada por cada um dos alunos. Isso porque a cor vermelha

representa, em algumas situações, exclusão, impedimento. Daí, eles terem feito tal relação. Dessa forma, verificou-se que a integração entre cores e imagens podem contribuir para uma leitura mais crítica e uma postura mais atenta por parte do leitor.

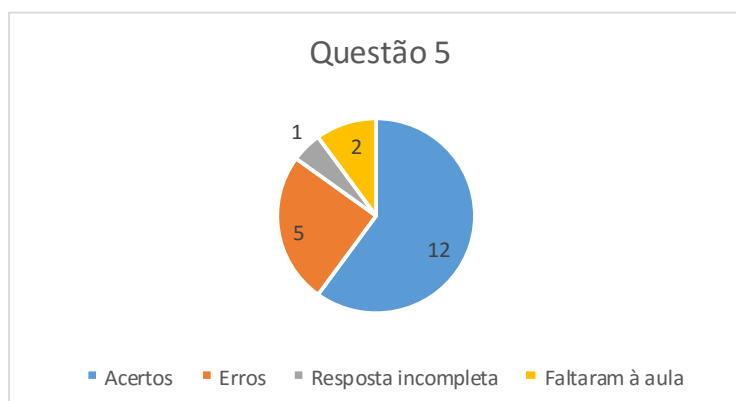
Questão 5 – Conforme a legenda apresentada no infográfico, relacione a primeira coluna de acordo com a segunda, levando em consideração o nível de risco que cada ator corre, de ficar fora da série.

Objetivo: Essa questão verificou a habilidade de o aluno estabelecer relação entre as colunas, de acordo com a situação de cada, a partir das informações passadas através da posição marcada no gráfico.

Resposta: 2, 2, 2, 3, 1

O gráfico apresentado abaixo ilustra os resultados das respostas dadas pelos alunos participantes.

Gráfico 6 - **Questão 5 - Plano de aula 3**



Com base nas respostas dos alunos, pudemos observar que mais de 50% da turma conseguem compreender as informações, bem como estabelecer relações entre elas observando dados apresentados nos gráficos.

Continuando a nossa proposta de intervenção, aplicamos o plano de aula 4, que se divide em duas aulas. Na primeira, explorou-se o infográfico *Inteligência artificial*, também extraído da revista *Superinteressante*, com base nos elementos da metafunção composicional, proposta por Kress e van Leeuwen (2006). Tal exploração se deu através da aplicação do

questionário que se encontra no Apêndice D. Vale ressaltar que nem sempre um infográfico é constituído por todos os elementos de determinada metafunção. Na segunda aula, conforme orienta Marcuschi (2008, p. 2016) que o aluno põe em prática o que aprendeu ao longo dos módulos trabalhados, realizamos a produção final do infográfico em sala de aula, cujos resultados comentaremos mais adiante.

O questionário aplicado propõe questões que exploram o Valor de informação, Saliência e Estruturação, que fazem parte da metafunção composicional, apresentada na Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), além de perguntas que suscitam o conhecimento dos elementos que compõem a estrutura do gênero em estudo.

As questões 1, 2, 3, que abordam o Valor de informação exigem respostas fechadas, com base nas informações presentes no infográfico *Inteligência artificial*. Nessas questões, os alunos devem identificar o título, o tema e, observando a posição das imagens (esquerda, direita, parte superior, parte inferior), reconhecer o Dado, Novo, Ideal e Real, respectivamente, através da indicação de robôs que representam uns e outros elementos da metafunção composicional.

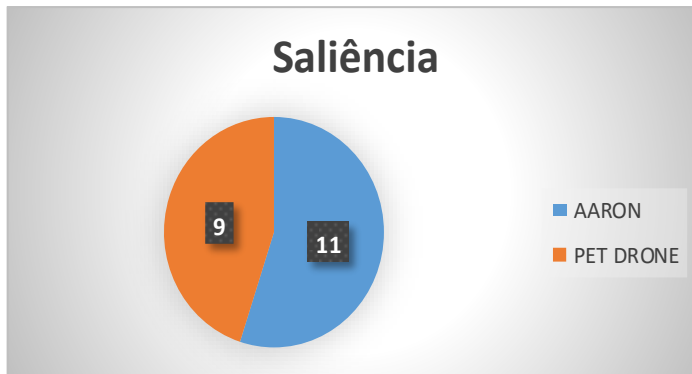
A essas questões os alunos participantes, de acordo com o que preveem o Tópico I dos Descritores do SAEB e os critérios de análise da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006), conseguiram dar as respostas esperadas a partir da leitura do infográfico estudado. Isso nos mostrou que a articulação entre recursos visuais e verbais pode contribuir para que o leitor possa compreender o conteúdo de determinado gênero multimodal.

No tocante à Saliência, as perguntas 4 e 5 exigem respostas distintas: uma resposta livre e outra fechada, a fim de verificarmos a coerência que se estabelece entre a primeira e a segunda resposta.

Nesse momento da atividade, esperou-se que os alunos informassem qual parte do infográfico lhe chamou mais a atenção e qual o recurso utilizado pelos infografistas para tornar o tal trecho mais chamativo.

Para a primeira indagação, a número 4, todos deram respostas pessoais, de acordo com as imagens que os atraíram. As respostas giraram em torno de duas imagens, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 7 - Saliência - Plano de aula 4



Tal opção de resposta se deu devido à ênfase dada às duas imagens através da coloração, uma vez que, segundo Fernandes e Almeida (2008), a intensificação das cores torna a imagem mais chamativa e desperta a atenção do observador.

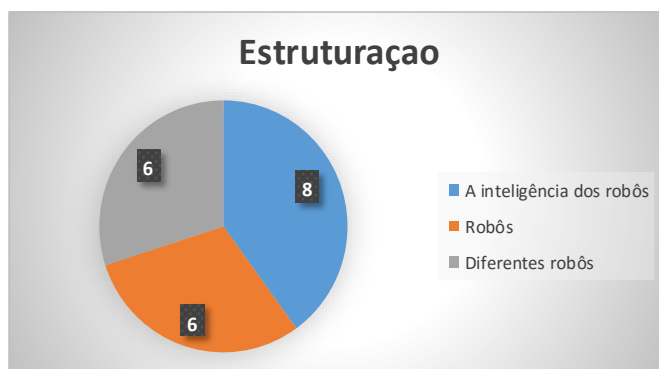
Quanto à pergunta 5, que versa sobre os recursos utilizados para tornar a imagem mais chamativa, todos os alunos participantes deram como resposta “As cores usadas”. Com base nessa resposta, percebemos que o aspecto visual desperta no leitor maior atenção no tocante à prática de leitura e à compreensão de textos cujo sentido se constrói a partir da articulação entre os recursos visuais e os verbais.

As questões 6 e 7 se referem à Estruturação, terceiro sistema da metafunção composicional. A pergunta 6 exige uma resposta fechada: *Robôs*. Com essa questão, esperou-se que os alunos percebessem a interligação dos objetos por meio dos contrastes de cores e de imagens que imprimem um sentido de individualidade (FERNANDES e ALMEIDA, 2008), mas que interligam mantendo a mesma linha temática. A essa questão, toda a turma deu a resposta correta, o que corrobora a aptidão dos alunos para a leitura de textos e imagens.

A questão 7 explora o tema a partir dos blocos de texto que fazem parte do infográfico em estudo. Exige também uma resposta fechada: *A inteligência dos robôs*. Esperou-se que a turma identificasse o tema do infográfico tomando como base os blocos de texto que, mesmo separados uns dos outros, estão ligados através da linha temática do infográfico estudado.

As respostas dadas pelos estudantes variaram entre “A inteligência dos robôs”, “Robôs” e “Diferentes robôs”, conforme demonstração em gráfico abaixo:

Gráfico 8 - Estruturação - Plano de aula 4



Embora a diversificação das respostas, os alunos não saíram da linha temática do infográfico trabalhado. As respostas que não atenderam à esperada se justificam pelo fato da predominância da imagem dos robôs que, embora diferentes uns dos outros, representam a mesma categoria. Por isso, a opção de 6 alunos pela resposta “Diferentes robôs” e dos outros 6, por “Robôs”, respostas aceitáveis uma vez que não fugiram ao tema do infográfico.

As questões 8, 9 e 10 dizem respeito à estrutura composicional do gênero infográfico: autoria, suporte e fonte. Essas questões têm como objetivo verificar se o aluno é capaz de identificar cada um desses elementos no gênero em estudo.

No tocante à autoria, apenas 1 aluno deu como resposta o nome do editor, Emiliano Urbim, por estar numa posição de destaque. Os demais responderam conforme o esperado: Inara Negrão, Camila Maccari e Melissa Schröder. Quanto ao suporte, toda a turma respondeu de acordo com o previsto: Revistas, jornais e sites. Essa atividade nos deu a certeza de que os alunos já estavam aptos para a construção do seu infográfico, cujos resultados apresentaremos a seguir.

A ideia de produção do infográfico em sala de aula é dar espaço para a voz e para o protagonismo dos alunos, além de desenvolver sua criatividade para o trabalho e possibilitar atividades de produção dos gêneros estudados de modo que o aluno se torne agente no processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa. Segundo Marcuschi (2008, p. 216), “nessa produção final, o trabalho concentra-se no polo do aluno”, ou seja, o estudante é o protagonista no processo de criação do gênero solicitado.

Para a realização da produção do infográfico, optamos pela metafunção composicional, tendo em vista o fato de necessitarmos de um parâmetro para análise e comprovação dos resultados. Dessa forma, após leituras, discussões e atividades em sala de

aula, foi solicitado aos alunos que construíssem um infográfico, tomando como base as orientações dadas durante as aulas em que se desenvolveu a sequência didática, inclusive, a partir da primeira produção do gênero.

Para analisar os infográficos produzidos pelos alunos, fizemos opção pelo viés do Valor de informação, sistema referente à metafunção composicional. Isso porque esse sistema se mostra adequado para registrar as escolhas e motivações do aluno na produção do infográfico, que ocorreu dentro do esperado. Cada aluno, a partir do trabalho com a infografia durante as aulas previstas na Sequência didática desenvolvida em sala de aula, elaborou seu infográfico com base nos temas escolhidos pelo próprio aluno.

Quanto à formatação do infográfico no tocante aos elementos que compõem a estrutura do gênero, quatro dos infográficos produzidos não apresentaram o texto que acompanha o título, ou seja, a gravata, porém a ausência desse elemento não comprometeu a informação pretendida.

As demais produções, dezesseis no total, ficaram completas, mantendo a estrutura própria do gênero, de acordo com a proposta trabalhada durante a Sequência didática.

Quanto à abordagem temática, percebemos que os blocos de textos e as imagens criadas foram devidamente coerentes com a proposta do infográfico. Em relação à linguagem empregada pelos alunos nos blocos de texto, notamos alguns desvios em relação à Norma Padrão de uso da língua, a exemplo de “pobris” por pobres; “quere” por querem; “acontecer” por acontecerem; “ameassa” por ameaça; além de alguns desvios em relação à pontuação, como em “Coopere seja legal, assim como você tem sede a natureza também tem”. Vale ressaltar que tais desvios não comprometeram a informação passada.

No que concerne aos elementos Dado/Novo, referente à metafunção composicional, 5 infográficos não apresentaram essa estruturação. Apenas trazem a imagem e texto sem deixarem clara essa divisão. Por outro lado, 15 alunos conseguiram apresentar nos seus infográficos a informação conhecida (Dado) e a informação nova (Novo) nos infográficos, o que indica que a maioria dos alunos conseguiram assimilar essa parte da proposta da Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006).

A nossa proposta de intervenção se conclui com a apresentação dos infográficos produzidos pelos alunos participantes. Nesse momento, cada aluno mostrou para a turma o seu trabalho, fruto do que aprendeu durante o desenvolvimento das atividades. Foram estipulados dois minutos para cada um. Após a apresentação dos alunos, o professor pesquisador expôs sua avaliação sobre os infográficos produzidos e reforçou a ideia de

continuar desenvolvendo trabalhos que coloquem os alunos na condição de construtores do seu próprio conhecimento.

Com esse trabalho, o que se verificou, além da parte prática em si, foi o nível de envolvimento e participação de todos os alunos participantes nas atividades de leitura e interpretação do infográfico. Esse envolvimento favoreceu a produção do gênero estudado de uma forma dinâmica e criativa.

Assim, considerando a natureza desta pesquisa, de cunho social, e que aborda um problema coletivo, que tem perpassado pelo espaço escolar, procuramos nessa análise apresentar de forma organizada os resultados da nossa experiência no tocante à transformação de uma realidade, que é o baixo nível de letramento dos alunos, sobretudo em relação à leitura do verbal articulado com o visual.

Vale ressaltar que a análise aqui apresentada se refere aos resultados após a realização da proposta de intervenção apresentada nesta pesquisa. Dessa forma, com base nos dados empíricos a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, cabe uma reflexão no sentido de levantarmos discussões sobre o tema em questão, a fim de apontarmos caminhos para um ensino de Língua Portuguesa mais envolvente e produtivo e que prepare os alunos para viverem nesse mundo da palavra e da imagem, podendo compreender realidades e criar ações para modificá-las, valendo-se das práticas sociais da linguagem conscientemente construídas de modo crítico e criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traz o resultado da pesquisa que se realizou a partir da leitura de textos multimodais, especificamente o infográfico, um gênero criado por meio de várias semioses para a construção dos sentidos. Tal resultado adveio de uma proposta de atividades desenvolvida numa turma do 9º ano do Ensino Fundamental, a qual participou ativamente em todos os momentos de realização da proposta, totalizando oito aulas.

Com base na fundamentação teórica que se adotou para a realização deste trabalho, percebeu-se que muito há a se discutir no campo do ensino/aprendizagem de Língua, em particular, no da Língua Portuguesa, para a qual direcionamos as atividades aqui propostas.

A opção pelo trabalho com o infográfico se deu por este ser um gênero que vem se destacando tanto na mídia digital, quanto na impressa. Além disso, é um texto que traz informações de modo dinâmico e atrativo pela sua estrutura composicional, organizada a partir do engendramento de cores, imagens, gráficos e textos, etc., formando um todo significativo.

É sabido que todo gênero pressupõe as condições de sua produção e representa o funcionamento da língua em suas práticas sociais. Partindo desse pressuposto, procuramos, a partir da análise do infográfico à luz das metafunções propostas pela Gramática do *Design* visual de Kress e van Leeuwen (2006), propor uma sequência didática, tendo como objeto de estudo o texto infografado, com o objetivo de proporcionar aos alunos experiências de análise e produção do infográfico na sala de aula e fora dela.

A experiência realizada com os alunos nos fez perceber a importância de revermos o conceito de língua, para, a partir dessa reflexão, repensarmos as práticas docentes no sentido de não só levar para a sala de aula os gêneros textuais, mas promover o protagonismo dos alunos enquanto construtores do conhecimento a partir da compreensão das funções sociais de cada gênero estudado.

Acreditamos que o trabalho com o infográfico propiciou aos alunos experiências de leitura que os levaram a um estado de letramento visual, um tanto distante de uma grande parte dos alunos, tendo em vista que, na escola, pouco se observa a imagem sendo estudada a ponto de se obterem informações ali contidas. Embora os livros didáticos já iniciem os capítulos com imagens, muitas vezes as atividades propostas relacionam-se com a análise gramatical, ou seja, com a metalinguagem.

Além disso, pudemos constatar que atividades desenvolvidas explorando os recursos visuais articulados com os verbais, além de facilitar a compreensão da mensagem, estimula a

criatividades para expressar e transmitir informações e ideias. Dessa forma, procuramos promover uma aprendizagem que ultrapassasse os conteúdos gramaticais, fazendo o aluno se deparar com uma realidade mais concreta de uso da linguagem.

Para isso, optou-se pela aplicação de uma Sequência Didática, nos moldes sugeridos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (apud Marcuschi, 2008), por apresentar procedimentos modulares que levam os alunos à leitura e à produção do gênero.

Por se tratar de um trabalho com a multimodalidade, procuramos explorar o infográfico de modo que a turma interagisse com o gênero expressando suas impressões iniciais, para, a partir daí, ampliar seus conhecimentos e poder produzi-lo. Isso resultou num aprendizado significativo por parte dos alunos no sentido do conhecimento tanto da linguagem quanto do seu funcionamento.

Assim sendo, ler e produzir infográficos na sala de aula se mostrou uma atividade produtiva e prazerosa para os alunos, já que eles lidaram com um texto que circula nos suportes midiáticos aos quais têm acesso constantemente e viram sentido naquilo que estavam produzindo. Isso sugere que a escola passe a aproveitar os gêneros que circulam na sociedade para colocar os alunos diante de usos da língua que são recorrentes e têm uma razão de ser. Portanto, a experiência com o gênero infográfico em sala de aula demonstrou que os alunos são receptivos a atividades que representam situações concretas de comunicação e que fogem aos padrões tradicionais, em que as tarefas de produção de textos são realizadas apenas para o professor atribuir uma nota.

Dessa forma, avaliamos o trabalho com o infográfico como umas das possibilidades necessárias para o aprendizado da Língua Portuguesa por tornar os alunos multiletrados, produtores dos seus próprios textos e leitores mais críticos e atentos aos processos de composição textual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Apresentando o tema: Sobre a Gramática do Design visual. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.). **Perspectivas em análise visual do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

ALMEIDA, D. B. L. Do texto às imagens: novas fronteiras do letramento a partir de uma perspectiva sócio semiótica visual. In: **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2008.

AQUINO, Lucécio Dantas de; SOUZA, Medianeira. Multimodalidade no gênero blog. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.). **Perspectivas em análise visual do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto; ROVAL, Célia Fagundes. **Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas**. São Paulo: FTD, 2012.

BARRETO, Diego de Magalhães. **Processo e produção de infográfico na sala de aula**. 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada) – Universidade de Taubaté, São Paulo, 2013.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006

BRASIL, **Plano de desenvolvimento da educação – PDE/SAEB – Tópicos e descritores**. INEP, 2011. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/saeb_matriz2.pdf> Acesso em 10 de abril de 2015.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAIXETA, R. **Infográficos sem segredos**. Jornal da ABI, Brasil: Edição 301, Páginas 3-6, julho/agosto-2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

COSTA, Valéria Machado da et al. **Produção de infográficos na Educação de Jovens e Adultos**: um estudo do letramento multissemiótico a partir de mídias 2.0. 2008. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/41627/26407> > Acesso em 13 de julho de 2014.

DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. **Ler o mundo**: um olhar através da semiótica social. ETD: Campinas, 2002. Disponível em <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewFile/1792/1635>. Acesso em 10 de julho de 2014.

DIONÍSIO, A. Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

_____. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita**: elementos para reflexão sobre uma experiência francófona, 1994. Disponível em: <http://debauro.edunet.sp.gov.br/pages_arquivos/Curso_melhor_gestao/ANEXO3_LP_OFICI_O173.pdf. > Acesso em 14 de abril de 2015.

_____. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita** – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). 1996. Disponível em: < <http://efp-ava.cursos.educacao.sp.gov.br/Resource/413029,A6/Assets/linguaportuguesa/pdf/schneuwly.pdf>. > Acesso em 09 de março de 2015.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUARTE, Viviane Martins. **Textos multimodais e letramento**: habilidades na leitura de gráficos da Folha de São Paulo por um grupo de alunos do Ensino Médio. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: 2008.

FERNANDES, José David Campos; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.). **Perspectivas em análise visual do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

FILHO, Francisco Alves. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1999.

FURST, Mariana Samos Bicalho Costa. **Multimodalidade**: as novas mídias nas aulas de Língua Portuguesa, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/iiijnflp/textos_completos/pdf/Multimodalidade%20as%20novas%20m%C3%ADdias%20nas%20aulas%20-%20Mariana%20Samos.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2013.

GARATTONI, Bruno. **Superinteressante**, São Paulo, edição 345, p.74, abril/ 2015.

GRANDE, Paula Baracat de. **Ler infográficos na sala de aula**. Oficina. Disponível em <<http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-experimente/520/ler-infograficos-na-sala-de-aula.html>> Acesso em 20 de janeiro de 2015.

HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social**: la interpretación social del language y del significado. México: Fundo de Cultura Econômica, 1979.

HARARI, Thais. Como entender (o mínimo) de vinho. **Superinteressante**. São Paulo, Abril. Edição 331. p. 90. Abril. 2014.

HUECK, Karin; QUICK, Rafael. **Superinteressante**, São Paulo, edição 332, p.23, maio/ 2014.

_____, Rafael. Monogamia não faz sentido? **Superinteressante**. São Paulo, Abril. Edição 332. p. 23. Maio. 2014.

HORTA, Cristiane Neri. **Infográfico: A criação do texto na representação visual da informação**. Plano de aula. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=11547>> Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

KANNO, Mario; BRANDÃO, Renato. **Manual de infografia**. Folha de São Paulo: São Paulo, 1998.

KANNO, Mario. **Marcos na história da visualização de dados**. 2008. Disponível em: <<http://kano-infografia.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Ministério da Educação. Brasília, 2005.

_____. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. 2006. Disponível em <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.pead.faced.ufrgs.br%2Fsites%2Fpublico%2Feixo7%2Flinguagem%2Ftexto_2_Modulo_2.doc&ei=0jwLVfjQFaXHsQTwN4CwBQ&usg=AFQjCNH8LRn-WJdqfQKN0IV_Y_f8bPDrHA> Acesso em: 14 de março de 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design**. 5.ed. London; New York: Routledge, 2006.

_____. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication.** London: Arnold; New York: Oxford University Press, 2001.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzato, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio. Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 1999.

MORAES, A. **Infografia - O Design da Notícia.** Dissertação (Mestrado em Design). Departamento de Artes. PUC. Rio de Janeiro, 1998.

NEGRÃO, Inara; MACCARI, Camila; SCHODER, Melissa. Inteligência artificial. **Superinteressante.** São Paulo, Abril. Edição 336. p. 23. Agosto. 2014.

NEVES, Cátia Sofia Pereira. **Infografia em meio digital.** Instituto Politécnico de Tomar. Relatório de estágio, 2013.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Análise crítica do discurso e teoria da multimodalidade:** uma proposta de letramento visual/crítico. In: Encontro das ciências da linguagem aplicadas ao ensino, V ECLAE. Natal: UFRN, 2011.

PAIVA, F. A. **O gênero textual infográfico:** leitura de um gênero textual multimodal por alunos da 1ª série do ensino médio. Revista L@el em (Dis- curso. Volume 3, 2011.

_____. **A leitura de infográficos da revista Superinteressante:** procedimentos de leitura e compreensão. 2009. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2009.

PROCÓPIO, Renata Bitencourt; SOUZA, Patrícia Nora de. **Letramento visual no ensino-aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira.** 2010. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/6241/4590>> Acesso em: 10 de março de 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

ROJO, Roxane. **Letramentos escolares:** coletâneas de textos nos livros didáticos de língua portuguesa. 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175-795X.2010v28n2p433/18444>>. Acesso em 15 de junho de 2014.

ROMERO, Luiz. A corrida das séries. **Superinteressante**. São Paulo, Abril. Edição 338. p. 79. Outubro. 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOJO, Carlos Abreu. **Periodismo Iconográfico (yXI)**: Es la infografía un género periodístico? Revista latina de Comunicación Social. España, 2002. Disponível em <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/2002abreujunio5101.htm>> Acesso em: 10 de julho de 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>. Acesso em 22 de julho de 2014.

VAN LEEUWEN, T. Ten reasons why linguistics should pay attention to visual communication. In: LEVINE, P. SOLLOMN, R.. **Discourse E Technology: Multimodal Discourse analysis**. Georgetown: Georgetown University Press, 2004.

APÊNDICE A

E. M. E. F. Álvaro Alves de Matos
Povoado Jabiberi, Tobias Barreto - SE

Relação dos alunos participantes – 9º ano 2015

1. Alex Batista de Jesus
2. Ana Camila de Jesus
3. Brenda Lorrane Figueiredo de Matos
4. Daniel Farias Santos
5. Edilane Oliveira de Menezes
6. Gabriel Alves Santos
7. Iure Artur dos Santos
8. Janiele Lino Souza
9. Jessica Karoline Santos
10. João Marcos dos Santos
11. Josefa Juliane Serafim Fontes
12. Kamilla Fontes Menezes Santana
13. Luan de Oliveira Nascimento
14. Maria Camila Oliveira Santos
15. Maria José de Jesus
16. Marta Ortência Oliveira da Silva
17. Mikael Santos Hora
18. Mirele Nascimento dos Santos
19. Renato Oliveira dos Santos
20. Talita Candido

APÊNDICE B

Atividade sobre o infográfico *Monogamia não faz sentido?*

- 1 – O que vai de encontro à nossa cultura em relação à união a dois a partir da informação que o infográfico nos traz sobre a monogamia?
- 2 – Que ideia a imagem do homem inteiro no centro do infográfico passa, levando em consideração o tema abordado?
- 3 – Considerando os elementos que ficam às margens do infográfico, podemos entender como uma informação considerada nova:
 - a) O sexo cria laços sociais.
 - b) O homo sapiens faz mais sexo do que o biologicamente necessário.
 - c) A anatomia do homem revela indícios de evolução.
 - d) Para a mulher toda hora é hora para o sexo.
- 4 – Considerando o significado da palavra “onívoros”, qual o sentido da expressão “onívoros sexuais” no texto inicial do infográfico?

APÊNDICE C

Atividades sobre o infográfico *Game of Thrones está de volta*

1 – A partir da expressão “está de volta”, presente no título do infográfico, depreende-se que:

- a) A série deixou de ser exibida por tempo indeterminado;
- b) A série passou um período sem ir ao ar e depois voltou a ser exibida;
- c) A série sempre esteve em exibição, sem nunca ter saído do ar;
- d) A série passou por transformações sem deixar de ir ao ar;
- e) A série ficou sem ser exibida por passar por novas transformações.

2 – Observando a expressão facial de Sansa, que sentimento e seu olhar nos transmite?

3 – Que elemento (s) do infográfico, na construção da imagem (cor, forma, brilho, etc.) relaciona (m) Sansa a uma jovem ardilosa?

4 – A partir da cor com que cada ator está relacionado, qual deles está numa situação de risco? Comente.

5 – Conforme a legenda apresentada no infográfico, relacione a primeira coluna de acordo com a segunda, levando em consideração o nível de risco que cada ator corre, de ficar fora da série.

- | | |
|------------|-----------------------|
| (1) Alta | () Briene |
| (2) Média | () Myrcella |
| (3) Máxima | () Sansa |
| | () Verme e Missandei |
| | () Jaime Lannister |

APÊNDICE D

Perguntas relativas ao infográfico <i>Inteligência artificial</i>	
Valor de informação	1 - Título? 2 - De que trata o infográfico? 3 - Observando a posição dos robôs, identifique um: a) Mais humano: b) Mais inteligente: c) Manos inteligente: d) Menos humano:
Saliência	4 - Qual parte do infográfico lhe chamou mais a atenção? 5 - Qual o recurso utilizado pelo autor para tornar esse trecho mais chamativo?
Estruturação	6 – Embora as imagens estejam separadas e com formatos diferentes, o que elas representam? 7 - Apesar de estarem separados, os blocos de texto falam do mesmo tema. Qual?
Autoria	8 - Quem produziu o infográfico?
Suporte	9 - Onde encontramos esse gênero de texto com mais frequência?
Fonte	10 - Qual a fonte do infográfico lido?